

AMANTES nas ENTRELINHAS



Tânia Du Bois

Crônicas

Tânia é assim, decidida. Suas escolhas não permitem objeções, visto estarem preenchidas de todos os fatores que a podem influenciar. Assim, quando optou pelo magistério; ao casar; ao ser mãe; ao cuidar da casa; ao trabalhar na pré-escola; ao cuidar da filha e da casa; ao cursar pedagogia (UFPB); ao escolher a sua monografia de graduação; ao fazer seus cursos de pós-graduação; ao voltar para casa; ao se decidir pela literatura e, dentro dela, pelas crônicas. Crônicas literárias: textos do dia a dia alimentados por citações literárias, poéticas por excelência. Escritora tardia, como eu, dedicou-se desde o começo a burilar seu estilo, estudando, lendo, relendo, construindo seus textos com incansável e amigável vontade: as crônicas precisam ser amigas, diz ela; mais que isso, conclui, precisam ser *Amantes nas Entrelinhas*, para que captemos nos textos a sua capacidade de doação, agora, sob a ótica cultural que tanto cultiva.

Pedro Du Bois

Tânia Du Bois

AMANTES nas ENTRELINHAS

Crônicas



(Miriam Postal, "Ficar Contigo", acrílico s/tela, 2005)



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Tânia Du Bois

Amantes nas entrelinhas
crônicas

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Poemas. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013. 96p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3.0 Nao Adaptada.](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa: Tânia Du Bois, sobre obra de Miriam Postal

Revisão: Pedro Du Bois

D815a Du Bois, Tânia

Amantes nas entrelinhas [recurso eletrônico] : crônicas /
Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-004-2

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Ao Pedro,

quem acredita
que as palavras
adquirem o poder
no imaginário
que contamina
o pensamento
do homem.

Sumário

Prefácio	11
Amantes nas Entrelinhas	15
Retrato do Povo Brasileiro: em Cor e Poesia	17
Erotismo na Arte	19
“Verde que te quero Verde”	21
Inverdades	23
Momento de Definição	25
Retratos a Óleo	27
Sala de Jantar	29
Paisagem: Aquarela de Cores	31
A Hora Certa (há a hora certa?)	33
Travessia	35
Janela Discreta	37
Ciúmes	40
Sem mágica: Não, Não e Não	42
Labirinto de Emoções	44
Quanto Custa um Sonho?	46
As Mãos	48
Passagem do Tempo: Lembranças	50
Em Questão de Minutos	52
Paixão em ordem	54
Que História é essa?	56
“A Curva da Idade”	58
Repensar a Morte	60
Diferenças Culturais	63
Dinheiro: muda os Valores?	65
A Cidade de João Ninguém	67
Talvez... ..	69
A Construção do Gesto	71
Telefone Celular: reflexo ou refluxo do tempo?	73
A Luminosidade do Escuro	75
Quem Conta um Conto aumenta um Ponto	77
Minuano	79
“Cavalos Do Amanhecer”	81



Um Olhar sobre a Querência.....	83
Uma Raridade: Saco De Viagem.....	85
Cavalos	87
MIRIAM POSTAL: Vida, Luz e Movimento.....	89

Prefácio

Dizer que *AMANTES nas ENTRELINHAS*, o título do livro da cronista Tânia Du Bois, além de insinuante é, ao mesmo tempo, instigador da curiosidade dos leitores, soa demasiadamente óbvio. Assim como, em qualquer diálogo, os silêncios podem falar muito, também em um texto, especialmente num livro como esse, o que está escrito nas linhas, não raro, pode ser mais bem entendido, se lido nas entrelinhas.

Tânia Du Bois segue os ensinamentos de Tolstoi, pois, ao mesmo tempo em que se mostra universal, não deixa de cantar a sua aldeia. Nas páginas desse livro, abundam referências aos cânones da literatura brasileira e mundial, mas, paralelamente, também desfilam escritores que, apesar do gozo de certa fama em Passo Fundo, continuam sendo desconhecidos pela maioria dos leitores. E Tânia, com a peculiar habilidade de resenhista de escol, ao fundir o nacional/universal com o local, coisa que, frise-se isso, faz magistralmente, contribui para levar o nome dos nossos escritores a domínios, até então, considerados quase impossíveis ou inalcançáveis.

De um lado, citações de passagens extraídas de obras de autores como Otávio Paz, Mia Couto, Júlio Cortázar, Jorge Luiz Borges, Umberto Eco e Nietzsche, por exemplo, que são cânones da literatura universal, seguidas de referências nacionais e regionais, caso de Vinicius de Moraes, Ferreira Gullar, Rubem Braga, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Mario Quintana, Luis Fernando Verissimo, Luiz Coronel, Simões Lopes Neto, Armindo Trevisan e Moacyr Scliar, entre muitos. E, de outro, o contraponto local, genuinamente passo-fundense, com Jurema Carpes do Valle, Tenebro dos Santos Moura, Ziza de Araújo Trein, Nídia Bolner Weingartner, Júlio César Perez, Paulo Monteiro e Mirian Postal, dando conta do desafio intelectual que Tânia Du Bois impôs a si mesma, ao engendrar a escrita desse livro, tratando de tamanha profusão de estilos e



temas. Fazendo isso, Tânia dá ares que, em incontáveis horas de leitura e vivências, criou a sua biblioteca pessoal.

Se eu tivesse que escolher apenas um texto, entre os muitos que me agradam nessas páginas, não hesitaria em optar por “Em Questão de Minutos”. Menos porque eu, Gilberto Cunha, sou citado nele e mais, talvez, pela referência a Leopoldo Lugones, que, poeticamente, dizem, “se deu morte em 1938”. Ou, mais provável ainda, por comungar com a síntese de Tânia Du Bois e entender que, de fato, muito daquilo que acontece em nossas vidas, para o bem e para o mal, se dá em questão de minutos. Simplesmente, uma mera questão de gosto pessoal.

O livro de Tânia Du Bois não é apenas mais um livro de crônicas, a exemplo de tantos que se publicam anualmente. Ainda que a matéria-prima de seus textos seja comum ao dia a dia de cada um de nós, aquilo que os diferencia é a interpretação da autora, que, não raro, foge da esperada e transgride convenções. Humano e mundano, em demasia.

Tânia Du Bois, a mulher, mostrou-se menos enigmática, em relação aos seus *AMANTES nas ENTRELINHAS*, que a escritora pretendeu ser. Em todo o livro, mais que amantes, sobressaiu-se *O AMADO nas LINHAS*, Pedro Du Bois, um nome citado 30 vezes nesse livro.

Oxalá seja você o leitor que Tânia espera e merece!

Passo Fundo, 25 de abril de 2013

Gilberto R. Cunha
Academia Passo-Fundense de Letras



POR FALAR EM POESIA
“... Fui oleiro de meus versos
e neles bebi ocasos
nas aquarelas do céu...”
(Apparício Silva Rillo)

Amantes nas Entrelinhas

Entrelinhas: a porta por onde o vento passa.

Quando olhamos para um livro sentimos que ele também está nos olhando. Passamos a mão carinhosamente na capa e, ao abri-lo, lemos o significado que o autor deu às palavras. Vemos cada cena desenhada com os movimentos das palavras.

Entrelinhas: onde o poeta poussa seus pensamentos.

Parece mágica? Não. É apenas olhar a vida em alta definição. É viver as contradições, porque somos a soma daquilo que escolhemos ser e do que decidimos ler.

Entrelinhas: a liberdade presa.

Encantamo-nos com as leituras e a cumplicidade que temos para com o livro, e que nós assumimos. Somos amantes das obras e seus significados interferem em nossa vida, fazendo-nos companhia nas horas mais necessitadas. Por vezes, dialogamos como se o mundo parasse naquele momento em que nos descobrimos.

Entrelinhas: a ponte que une as histórias do povo.

Somos amantes dos livros e não nos limitamos apenas a um tipo de leitura. Gostamos de ouvir o som das palavras e de ver a paisagem descrita em seus significantes.

Entrelinhas: o horizonte onde o sol nasce.

Ao lermos, encontramos vários textos e diversos contextos. Além de enxergarmos, ativamos a memória para “ver” em cada escritor a sua verdade se integrando à nossa vida.

Entrelinhas: marca do gol feito; a bailarina entre o palco e a plateia.

Somos amantes dos livros e temos preferência pela presença da poesia na nossa vida, porque, de várias maneiras, ela determina a diversidade dos limites literários. Encontramos nela a fonte de inspiração



que nos coloca em movimento, criando um mundo de ideias sobre o qual podemos nos apoiar.

Entrelinhas: trilhos do trem levando e trazendo personagens.

Somos amantes dos livros e dos autores, que terminam por nos influenciar com suas ideias, como sinais de mudança dos tempos: conquistar a vida com palavras.

Entrelinhas: a zebra como significado.

As entrelinhas demonstram a busca pela vida, pela criação e possuem características que formam o ponto de partida: tomados pela consciência redescobrimos a palavra, os sons e as cores, para o simbolismo sem contornos rígidos, porém emotivos, com ritmos ocultos, onde só o amor pode provocar a afloração da criatividade, tornando-nos amantes das entrelinhas.



Retrato do Povo Brasileiro: em Cor e Poesia

“... Seu olhar inscreve-se em mim / juntos enredamos a história: / ora sem luz, / ora sem escrita...”
(Benedito Cesar Silva)

A arte estabelece o diálogo entre diversos olhares sobre o cotidiano, sobre a paisagem como cenário, enfatizando a sua importância como fonte de inspiração poética. Mario Quintana escreveu, *“Nós fazemos parte da paisagem.”*

Aqui, encontro dois artistas: um, o pintor Cândido Portinari, que Raymundo O. de Castro Maya, seu melhor amigo, assim descreveu: *“com a cor e a poesia, Cândido Portinari foi que melhor retratou a identidade do trabalhador e do povo brasileiro”*. Portinari, em seus trabalhos, descreveu o caráter imaginativo, representado por elementos fantásticos, figuras líricas e criaturas místicas. Ele acreditou nessa proposta e se tornou um *“organismo vivo”*, que abrigou ideias e pensamentos na formatação de suas obras.

Ganhou a admiração de Alphonsus de Guimarães Filho, *“... no seu jeito de estar. / Toda alegria, / toda a luz, a manhã que tudo aclare / investe sobre o inquieto Portinari, / dá-lhe viver a sensação de um dia / que é toda vibração. / Eis vai Candinho...”*, e de Vinicius de Moraes, *“O pintor pequeno / o grande pintor / ruim como veneno / bom como a flor... / É cor de pintura / dentro da moldura / de um quadro de aurora...”*

O outro é o poeta Ferreira Gullar, conhecido e reconhecido nas manifestações artísticas como o *“poeta nacional”*, foi quem abriu caminho para o movimento da cultura popular, refletida em sua poesia. Seus versos são sensíveis à problemática do povo, porque abrange todas as vitórias, derrotas e esperanças do homem brasileiro.

Portinari e Gullar, através de suas artes (pintura e poesia), demonstraram a necessidade de se lutar contra a injustiça e a opressão. A



partir desse momento nós, *“paisagem e povo brasileiro”*, passamos a nos conscientizar do valor da cultura e da sua contribuição para a compreensão da sociedade.

Ainda, encontro em Gullar, em versos sensíveis à problemática da vida do homem brasileiro, *“... dizem, tudo dizem / eles nasceram para falar / para contar histórias, / para comentar / a cor de cada / fato sem cor...”*



Erotismo na Arte

“A fronteira que divide o erótico do pornográfico nunca teve contornos muito nítidos. No Brasil, o erotismo confunde-se com o obsceno. Até pouco tempo, não era elegante a exibição explícita das partes íntimas do corpo humano, que hoje são expostas até na televisão...” (Ney Flávio Meirelles)

Ao analisar o erotismo na arte literária, desenho e pintura, vejo que provocamos o prazer que existe dentro de cada um, porque na arte é permitida uma leitura individual e, sem dúvidas, um olhar aguçado à procura da imagem embutida do desejo de descobrir o interior das pessoas e das coisas.

O artista plástico Ruben Gerchman revela que *“para atingir o erotismo é preciso que se fantasie um pouco o real. O erotismo não existe em nível real e sim imaginário.”*

Ao invadir o lado erótico, flagramo-nos no exercício do olhar, da relação do prazer sexual e da imagem que se faz dele, como Carlos Higgie demonstra: *“Encontrá-la... de repente bem no meio da tarde chuvosa, do dia cinzento e carregado, encontrá-la sem querer, mas desejando... ver com minhas mãos trêmulas de puro desejo, descobrem segredos dos teus botões, fechos, barreiras vão libertando, pouco a pouco, de toda a roupa, de toda a trava, de todo obstáculo, para que nossas peles sequiosas se encontrem...”*

O escritor, através das palavras, pinta e desenha, torna pública a possibilidade da expressão estética do erotismo no uso dos contrastes das cores, traços, enlaces e atos. Também, dá suporte à construção de ideias, de palavras em branco e preto, expressando a sua imaginação e revelando ao leitor cores e formas na sugestão de novas percepções que conjugam o erotismo, como no poema de Maria Teresa Horta: *“O Teu Corpo... vertigem / descendo em tuas costas / as ancas estreitas que*



escorregam // ... Aperto-te nos braços / e um mar revolto / perde-se em nós...

Penso que nesse terreno a arte de escrever consegue nos invadir e expressar o erotismo, transportando o mistério em cada palavra, como em Nilto Maciel: *“O Arcanjo e a Princesa... Pé ante pé, arcanjo caminhou rumo do leito. E pôs-se de joelhos junto ao rosto dela. Os longos cabelos loiros cheiravam a camomila. Os cílios, tão sutis, pareciam veludosos pelos de boneca. O nariz, a boca, o queixo, tudo no seu rosto lembrava deusas gregas. E o pescoço, o colo, cândidos, macios. O ventre, o pequenino umbigo de donzela, maravilhas intocadas. Perplexo – nunca vira de tão perto um corpo nu de ninfa – ...”*

Alguns poemas concentram as emoções que operam no consciente, reveladas em jogo de palavras, cujo fio condutor é as transformações sobre a cor e a divisão de tons, retratados no erotismo, como em Pedro Du Bois: *“... são teus olhos, fechados / circulando entre mundos, claros e escuros / onde os movimentos se penetram / e o corpo – os corpos – pede o gesto / do abandono e conquista //... na perna entrecruzada sobre a cama...”* e, em Cláuder Arcanjo, *“... na tapera o telhado morto. / E, no quarto, bem ao fundo, / Ele e ela... O coito do silêncio.”*



“Verde que te quero Verde”

*“A tinta verde cria jardins, selvas, prados, / folhagens
onde gorjeiam letras, / palavras que são árvores, /
frases de verdes constelações...”* (Otávio Paz)

“Verde que te quero verde” é a expressão do desejo, mas não basta só querer, é preciso cultivar plantas como atividade prazerosa. Não requer técnica sofisticada e nem muito trabalho, e sim uma dose de carinho, luz, água e vento. Necessito do verde para realizar o meu projeto de vida. Sou a energia de um lugar onde tenho imagens de folhas caindo com o vento. Sou como as folhas que têm sua época certa para fertilizar, murchar, cair e morrer. Mario Quintana escreveu, *“Quem é que pode parar os caminhos? / E os rios cantando e correndo? / E as folhas ao vento? / E os vinhos... / E a poesia...”*

Dizem que as plantas, além de bonitas e decorativas, trazem bons fluídos para dentro de casa. E mais, que devemos conversar com elas. Não sei se acredito no poder das plantas de influir no ambiente. Seria crendice? Lembro que a crença vem de longa data, mas se considerar seus nomes, pensarei diferente, porque são sugestivos, como: *comigo ninguém pode; árvore da felicidade; costela de adão; espada de São Jorge, e outras mais*. Alguns paisagistas afirmam que as plantas têm poderes especiais e protegem contra as forças do mal. E também atraem dinheiro, sorte e felicidade.

Não me iludo: bons fluídos combinam com diferentes tons de verde, e ocorre-me que as plantas podem não gostar de viver entre quatro paredes, ficariam como velhos muros: presas. Como diz Carmen Presotto, *“... vaso de flor! / Planta de apartamento / Arquitetura adubada / Terra envasada / Mãe natureza / Eterno é ser enjaulado entre muros...”*

Se as ideias fossem plantadas, de que cor nasceriam? Pedro Du Bois demonstra em seus livros, *Flores e Frutos*: *“... as flores não dizem*



palavras / nem saem dos lugares / brotam afloram desabrocham / são tornadas belas e admiradas / fenecem em sementes / e não são lembradas.”, e n’A árvore pela Raiz, “Forte/ ao solo / imersa / hidropônica / ao vento / relata o sentido / do verde...”

Como tudo na vida tem seus segredos, o verde tem o poder de *desenhar* nossas vidas. Não se trata simplesmente de admirar o “verde que te quero verde”, e sim tentar mudar e repensar os valores para preservar o ambiente. Nas palavras de Thiago de Mello, “...*Permanecem os amigos. / Poucos. Mas capazes / de atravessar o mar / só para me levar uma flor...*”

Penso nas plantas, mas não sou verde. Apenas gosto do verde. Confusa com as flores coloridas, perco a memória – resta só o perfume, o cheiro de verde. Como num itinerário de coisas e pessoas. Por essa razão tenho consciência de cuidar, manter, preservar o verde, para colher resultados das ações praticadas.

O verde é inspiração para inovar, ele não se constrói sozinho – disseminamos conhecimento, ideias para integrar, buscar motivação, porque quando vou em busca do desejo as coisas fluem e assim funciona a vida e isso faz a diferença.

Alain-Fourmer, no livro *Bosque das Ilusões Perdidas*, descreve a floresta romântica e poética onde decorre a aventura sentimental; Alejo Carpentier, n’A *Sagração da Primavera*, relata um romance político, marcado pelas mudanças: como o renascer na primavera.

“Verde que te quero verde” é como luz em busca de cores, que marca o encontro: estar livre para escolher como quero viver, porque no *mundo verde* a realidade é assumir a nossa verdade, como em Thiago de Mello, “... *És tudo o que eu quero, o que eu espero, / és a manhã de sol, és noite de luar, / és o verde que sonhei...*”.



Inverdades

*“... eu me alumbro com a mentira, ela se deslumbra com a verdade”
(Carpinejar)*

É o processo de socialização que define o que é aceitável ou não. Omissões voluntárias, inverdades e mentiras fazem parte da vida social.

Toda verdade é relativa e devemos considerar “as mentiras” associadas ao desempenho de alguns papéis profissionais. Neles, podemos incluir os poetas que usam a “flexibilidade moral” para revelar os mistérios da literatura; dar vida a expressões mortas, criar palavras com sentimentos. Como afirma Mario Quintana, “A poesia é talvez a invenção da verdade”, e na tradução de Antônio Olinto, encontrada em seu livro *A invenção da Verdade*, “... a poesia acaba sendo a invenção da verdade ou a invenção de pequenas grandes verdades que, por momentos, elevem o homem acima da sua contingência.”

Maria de Lourdes Mallmann ao poetizar “Inverdades”, apresenta: “Na vida somos atores / representando papéis / que nos impedem de Ser. Vivemos uma inverdade / na prática de ações / que não queremos fazer.// ...Os sonhos são ilusões / enganando a todo instante / fraudando as esperanças. O artista mente, inventa / cria o que não existe / sobrevive da lembrança.” e comenta: “as mentiras do homem podem ser as verdades do poeta. Ou será que a poesia é uma mentira que o homem quer revelar como verdade? Na poesia é necessário perceber a grandiosidade do que expressam e refletir nos mistérios da vida e da existência.”

O que importa é a reflexão sobre as escolhas e descobertas, para viver a verdade em busca por sentido maior: uma nova perspectiva de olhar para a literatura, a poesia e a vida.

Umberto Eco, juntamente com Marisa Bonazzi, em “Mentiras que Parecem Verdades”, analisa a pluralidade dos significados num mesmo significante, sempre voltado ao pensamento filosófico, não perdendo o



equilíbrio do discurso, e mostrando-nos a consciência crítica dos perigos do ilusionismo.

Pedro Du Bois baseia seu livro *Verdades e Mentiras* nas facetas da falsidade, onde revela a sinceridade e a insinceridade desencadeando jogo de mostrar e esconder, construção amparada no discurso da complexidade da verdade e da mentira.

Roberto Pompeu de Toledo, pergunta: *“Que é a verdade? Que é a mentira? A mentira é o discurso que começa invocando a verdade a sustentar-se numa mentira.”*

Os escritores não podem ter o senso do certo ou errado; inverdades, porque o que pode tornar a mentira uma questão moral é a intenção do mentiroso, e a flexibilidade moral pode ser a chave para o sucesso profissional.

Temos Fernando José Karl que retrata o que os poetas dizem por que não temem o que sentem: *“O que é a verdade? Escutar maré de estrelas, // desistir da farsa, vocábulos, pavores / e, nas noites, soprar o carvão, / sabendo que nele o escuro é musical.”*



Momento de Definição

Chamo momento de definição quando sei para que e por quanto tempo desejo colecionar algo ou alguma coisa. O meu momento de definição ocorreu pelo meu encantamento por fotografias antigas. Olho e sei; olho e decido. Não me arrependo da escolha, adoro! Pedro Du Bois expressa, *“O retratista / conserva / o foco / da fotografia / no instante / do flash // depois o negativo.”*

Fotografias são como relatos de sombra e coragem, que ainda vivem e revelam a fabulosa história da vida. Busco por fotos antigas onde me deparo com provas contundentes para entender o mundo em que as pessoas viveram.

Colecionar fotos antigas acorda os sentidos de tal forma que me sinto passeando no tempo pelas lembranças. O que é visível se torna tátil, de maneira que o tocar a fotografia me aguça os sentidos. E como o toque é próprio, toma dimensão diferente, como se estivesse a tocar as lembranças. Há a sensação nova em olhar com as mãos e reavivar descobertas que só o tempo pode mostrar. Acompanhar os personagens das fotografias torna o momento em único, num dia especial.

Compreender as fotos pelos sentidos é redescobrir a maneira de poder ser e de reviver o momento em que elas me olham e tocam o coração. Como expõe o poeta Artemio Zanon, *“Fotografia / da distante infância / me vejo tão útil, / ansiada esperança.”*

Em algumas fotografias apenas passo os olhos, como se estivesse olhando pelo vão da porta, onde a luz escapa e temo entrar. Fico imaginando o fato ocorrido e, por vezes, não tenho coragem de reencontrá-lo naquela imagem. Nesse momento, através de *flash* de memória, conto histórias através dos sentidos e, ao viver as palavras com sabor e toque, me entrego à realidade, assim como descreve Pedro Du Bois, *“Confisco imagens / em lembranças / descoloridas: onde deixei / o tempo fotografado / em imensidões ampliadas / de saudades.”*



As fotos mostram a história ambientada, envolvente, em épocas mais diversas. Elas trazem perguntas e respostas sobre vários aspectos, situações e fatos. Olho, toco e vejo os segredos. Sinto que tais sensações e informações sobre cada uma faz com que eu desfrute ao máximo da coleção.

O momento de definição é escolher a fotografia, depois, juntá-la à coleção, onde se misturam tempos e lembranças, dando significância à minha vida: toco as fotos com os olhos e as olho com os sentidos. Quando a vida depende de segredos guardados em cada *flash*, torna-se uma aventura tocar a foto, com simplicidade, para colocá-la no álbum, porque vêm à tona fragmentos da sua história, dando voz ou se misturando com a minha história.



Retratos a Óleo

“Que o tempo passa, vendo “retratos” no lugar que está, sentindo a vida desconhecida nascer em mim, procurei encontrar o que o mesmo foi esquecido...” Lêdo Ivo

Sobre o livro *“Imagens Negociadas”*, de Sérgio Miceli, traço algumas pinceladas. O livro faz uma análise mais sociológica do que artística. A tese de Miceli é a de que o retrato brasileiro é uma espécie de coluna social feita a óleo; defende que o retrato é sempre uma *“imagem negociada”* e que funciona como arma de *marketing* pessoal.

Ao tirar essa máscara, pergunto, será que não encontramos arte verdadeira nesses retratos pintados? Por exemplo, o retrato da Mona Lisa é sinônimo de arte.

Antigamente os pintores tinham a pretensão de fazer arte quando produziam retratos, mas nem sempre o retrato foi feito de forma adulatória. Mario Quintana mostra: *“Há uma cor que não vem nos dicionários. É essa indefinível cor que têm todos os retratos, os figurinos da última estação, a voz das velhas damas, os primeiros sapatos, certas tabuletas, certas ruazinhas laterais: - a cor do tempo...”*

Mário de Andrade, por exemplo, foi retratado por divas como Anita Mafaltti e Tarsila do Amaral e, no caso, em troca de notas jornalísticas avalizando os dotes artísticos das retratistas; mas cada pintora colocou na tela o Mário que desejou, sem perder sua criatividade, porque, mesmo assim, seus trabalhos são considerados como arte. Tanto a arte de pintar, quanto a arte de escrever de Mário de Andrade .

Até o grande Portinari pintou Getúlio Vargas, nos anos 30, e seu modelo foi uma fotografia, o que também pode ser chamado de arte. E qualquer traço vindo do mestre Portinari é e sempre será arte.

Também nos anos 30, Flávio de Carvalho fez bons retratos e conseguiu impor sua marca expressionista; reconhecida e valorizada até

hoje. Sem contar que muito do que se produziu na pintura, até o final do século passado, foi composto por retratos.

Atualmente o retrato é desprezado e é tão caro que talvez não sejam feitos mais, porém, será sempre considerada obra de arte.

O retrato teve o seu papel no passado, de funcionar como coluna social, de ser feito apenas pela elite e de retratar, como vejo hoje, as pessoas com quem os pintores se relacionavam.

Enfim, mesmo o retrato sendo negociado, não perde o seu valor artístico. Expressar, pintar, pincelar, captar as linhas, demonstra criatividade: quem sabe olhar o real geometricamente retrata para sempre. Pedro Du Bois conduz em palavras poéticas: *“Imagens / figuras traduzidas / iconográficos / retratos inacabados / ao abrirem as luzes // a modelo / nua / se adianta à roupa / não contida na pintura // o retrato guarda / a instantânea forma / de se dizer eterno / de se dizer duradouro / de se permitir esmaecer / na sobriedade da pose”*.



Sala de Jantar

“Sala de jantar // A mesa diz: sim, mas você tem que se cuidar um pouco mais // ... E há também um bufê cheio / de taças. O que quer que digam, / diz, creio que ficarei satisfeito...”

(Joan Brossa)

Por costume, a casa tem sala de jantar. Espaço a garantir que ela seja ocupada em momentos importantes: o consumo e a reunião ao redor da mesa, onde o ar atravessa a cortina como fruto do encontro. *Jorge Tufic* poetiza, “... Lá fora o vento morno impõe o riso / de quem degusta estrelas: e há licores / na sombra onde comer não é preciso...”

Na sala de jantar podemos alternar ideias com camadas de alta reflexão ao adicionarmos pitadas de alegria e carinho, em embalagem *longa vida*. E não podemos deixar faltar iniciativa e criatividade, o que geralmente é demonstrado através da poesia, por vezes inspirada na alma da sala de jantar.

Pedro Du Bois em seu livro *Os objetos e as Coisas*, mostra que “... da transformação da matéria terá o objeto transitado como coisa, antes ideia...”. Segundo Marco Aqueiva, “Os objetos e as coisas são dotados de significação afetiva, provocando em cada ser humano reações emocionais de caráter subjetivo.” Márcio Almeida reflete, “Que objeto é objetivo (referencial) e desconstruído pelo sujeito que o tem sob a educação dos sentidos?”, enquanto J. Lourenço de Oliveira pergunta, “o objeto impõe o espaço ao sujeito e o sujeito impõe o tempo ao objeto?”

Quantas serão as salas de jantar que têm a proeza de deixar o vento refletir-se nas pessoas ao redor da mesa? Jorge Tufic responde, “Somente os grandes poetas / me fazem sentar à mesa/ e libertar meus dedos da ferrugem, //... somente os grandes amigos/ me fazem trocar tudo, tudo mesmo, / por um cavaco de prosa.”



E nós, ao nos envolver, pensamos em plantar sonhos: criar e recriar os objetos. É nesse ponto que tomamos um caminho diferente, que aceitamos o convite para as grandes aventuras do intelecto, onde cada pessoa reinventa o *prato* em seu cotidiano, passando pelo desafio de frequentar a sala de jantar. “... Não é tanto o *prato* que os atrai, / mas a sutileza da *sintaxe*...” diz Alexandre R. Da Costa.

Não importa qual *prato* é servido, mas sim, a reunião das pessoas e, o que se ensina e aprende. Por isso, na sala de jantar podemos imaginar que ao dividir a mesa com os outros, eles mostram suas ideias detalhadamente e tentam transformar e modelar suas experiências por estarem na sala de jantar, tendo o conhecimento como criação. *Alexandre R. Da Costa salienta, “Alguns dizem que se deve ler à mesa / sem essa tal sutileza da sintaxe, dando à refeição / certa distância...”*

A sala de jantar é o objeto do processo onde a compreensão do pensamento desemboca em uma situação, tarefa que nos conduz a raros momentos em que as palavras são inventadas para esconder o cotidiano.



Paisagem: Aquarela de Cores

“... Palavras em folhagem transparente / Que tomaram forma de orvalho em pranto”. (Benedito Cesar Silva)

A natureza sabe posar para nós, falar com cada um e ainda capturar os sentimentos. Ela revela, aos sensíveis, a poesia. E, a partir da paisagem, podemos repassar e continuar com ela ao nosso lado: horizonte a horizonte.

A arte é manifestação ligada ao espírito humano, onde o homem busca dar aos objetos que cria formas que independem da utilidade, mas, sim, que satisfazem as necessidades de harmonia e beleza.

Na arte, segundo Silvia Roger... *“quase todos os grandes artistas plásticos foram seduzidos pela aquarela...”*, como o quadro *“Paisagem com Casas”*, de Anita Malfatti, que transmite relaxamento e ajuda a esvaziar a mente, porque é inspiração que permite a gestação do novo.

Através do contato com a natureza, os artistas cultuam as suas obras, fazendo a diferença em suas representações, transformando e ampliando as suas composições. Eles têm a liberdade e a perspectiva de representar os aspectos da natureza, tal como vistos, mostrando suas deformações.

José Zaragoza recriou a paisagem e nos mostra *“As Paisagens Negras”*, que são as florestas queimadas. Nas telas, uma crítica que alerta e premedita o futuro, onde perderemos o contato com a natureza.

O contato com a natureza faz a diferença, torna-se período criativo, de transformação, ampliando a nossa força, onde a natureza, juntamente com nós, se liberta. Nas palavras de Pedro Du Bois, *“O cinza / o chumbo / o verde água / o verde musgo / o azul desaparecido / o dourado ambiente / o vermelho reticente / das queimadas // atravesso a*

rua e compro / a prova da existência // o negro carvão oferece abrigo / e me instalo: branco”

A natureza é aquarela que mistura as cores, define a arte, impulsiona os nossos atos e abre portas para a sensibilidade, refletindo a variação emocional que dá à vida conexão entre corpo e alma.

É na paisagem que todos os momentos da vida são construídos, porque faz-nos sorrir, chorar, amar e viver o amanhã. Ela merece o nosso aplauso.

“... Lá estende-se o alegre e verde prado / De policromas flores matizado / Onde adejam falenas multicores.”

(Geraldo Atto De Azevedo)



A Hora Certa (há a hora certa?)

“...são os sonhos que garantem a paciência suficiente para aguardarmos a próxima hora...” (Lígia A.Leivas)

O relógio marca a hora certa. Norteia o tempo. Tempo de quem? Há a hora certa? Jorge Tufic reflete que *“A hora. Quem / sabe da hora que / os relógios / deixam de ver?...”* Hora certa, para quê, se o tempo exclui o relógio. O mais interessante é tratar do tempo como questão singular: sistemas de valores e modo de vida. Como diz Manoel de Barros, *“Não atinei até agora porque é preciso andar tão depressa. / Até há quem tenha cisma com a lesma porque ela anda muito depressa. / Eu tenho. / A gente só chega ao fim quando o fim chega! / Então prá que atropelar?”*

O relógio é o veículo de determinação da vida social, e nada é mais fascinante do que os *cucos*, com o passarinho mecânico anunciando a hora certa. Há hora certa para tomar cafezinho? Há hora certa para amar? Há hora para escutar os ruídos da rua? Ou escrever e reescrever a história e até tornar verdade a mentira bem contada?

Mário Chamie, no livro *Sábado na Hora da Escuta*, traça a perspectiva da situação, simbólica, sobre mudanças: o impedimento do encontro do homem com sua imagem e liberdade. Pedro Du Bois, n’*A Hora Suspensa*, aposta no tempo: sorte ou azar, suspendendo a hora em que se dá a liberdade.

Sem alterarmos a hora que mostra o limite das emoções e perspectivas. Muitas vezes nos deixamos aprisionar pelo horário e, quando transgredimos, precisamos de força para segurar o repuxo, como em Carmen Presotto, *“Onze horas, mesa vazia. Olho e não resisto ao meu papel. Não há caneta...”*, em Mário Faustino, em seu único livro publicado em vida, *O Homem e Sua Hora*, de 1955, *“...como este dia é mais que sexta-feira / É a Hora mais que sexta e roxa.”* e em Luis Fernando



Veríssimo, no livro *Poesia numa hora dessas?*, “...Como é que se faz aquele maldito / relógio digital ... / parar de piscar?”

A vida demonstra que na maior parte do tempo os horários são incompatíveis com o tanto que temos para fazer, resolver, aprender e que, em cada momento, somos vítimas da nossa própria hora: o tempo nos coloca cara a cara com o relógio. Júlio Cortazar, no livro de contos, *Fora de Hora*, descreve de forma surreal a trajetória do mundo, onde as coisas acontecem ao mesmo tempo. Clarice Lispector, em seu último romance, *A Hora da Estrela*, diz para “...Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.”

Temos em mãos a nossa hora, aquela que acontece com a inspiração, que chega e define o tema, envolvendo-nos e fazendo-nos sentir realizados, como n’*A Hora da Júlia*, por ela retratada aos seis anos, na criação de seu primeiro poema, “*Estrelas, oh, estrelas / Fico tão feliz por vê-las // Estrelas apareçam. / Estrelas, oh, estrelas.*”

Diante das escolhas, o melhor é continuar no jogo do momento, até porque o relógio (re)vira a hora, como nas palavras de Izacyl G. Ferreira, “...*Aqui ninguém escolhe / o ângulo do corte, / o ar que falta, o vão / por onde as águas saltam / no oceano do acaso. // Pode-se apenas apressar a hora.*”

O simples ato de pensar estabelece conexão temporal entre o sentimento e a realização: criemos nossa hora certa.



Travessia

“...:Não há segredo na / travessia da palavra.” (Sonia Regina)

Travessia é a passagem que marca a nossa vida: trocamos experiências e incentivos. Cruzamos etapas, por mais árduo que seja o caminho. As energias se adensam na liberdade de expressão, e assim encontramos uma nova travessia, como se fosse a paixão, dois pontos que se unem e se cruzam. Como cita Humberto Mello, *“tem hora que a vida pesa / e murmúrios me atravessam / me deito e corto as veias / com a lâmina de um verso...”*

Ao fazer a travessia, tentamos juntar os pontos do dia anterior. Atravessamos o olhar quando o Sol se põe e a Lua surge. Inauguramos em cada travessia uma vida de revolução, fazendo da poesia os sentimentos, como em Nídia Bolner Weingartner, *“...a poesia chega primeiro à sensibilidade e à emoção. E chega para ficar, porque as mais das vezes, pelo prazer que nos proporciona...”*

A travessia costura as forças: bem e mal; alegre e triste; bonito e feio; doce e amargo. É a ponte que leva os homens a viver o amor e ter atitudes. O amor nasce nas palavras em que cada travessia encontra o gesto e o caminho para viver. A ponte para amar é amar-se, quando conseguimos, estamos prontos para amar o outro: cruzamos sentimentos. Atravessar a vida amando é renovar-se com palavras em cada dia. Segundo Jurema Carpes do Valle, *“Travessia // ...Luta / Avança / Divisa a praia à distância / E deseja apesar da sua finitude / Alcançá-la.”* e, Lindolf Bell, *“...Atravesso o avesso / E meu barco de travessias / é a palavra terra / cercada de água por todos os lados...”*

A travessia é dúvida, certeza, ponto de interrogação e de exclamação. São as horas que esparramam pedaços em nossas vidas. Atravessamos o escuro e depois tudo começa a ficar colorido, mas sem definição. São várias as razões que nos levam a atravessar a passagem



da vida, porque vivemos enquanto convivemos na diferença e cruzamos as ligações pessoais, como no poema *Travessia Das Isabéis*, de Geraldo Mello Mourão, e nas palavras de Max Martins, “*Dados os laços / lançam-se os dedos / os dedos-dons, suas lanças / à travessia...*”

Atravessar o mundo é descobrir o Brasil e espalhar o vento sem a poeira. É viver a travessia das distâncias, onde imaginamos o sonho, aspiramos o som do infinito e vamos ao encontro do tempo da conquista, como em Pedro Du Bois, “... *Falo em não ousar / a travessia e ir sob a estrutura: molhar o corpo, / deixar cair o corpo , descorporizar. // Falo sobre pontes desnecessárias / unindo (ligando) travessias / ignoradas. Falo do bem-estar.*”



Janela Discreta

“Atrás das vidraças / sujas da poeira / da rua // protegidos / e isolados / da poeira / da vida // escondidos / e transfigurados / na poeira / do tempo // guardados / e revelados / na poeira” (Pedro Du Bois)

Na janela discreta está a marca do tempo, na paisagem e no vento. O Sol brilha e a Lua se esconde entre nuvens. A poeira se desloca para todos os lados e com movimentos circulares se espalha. Mas o que importa é o que o vento traz ou o que revela do tempo onde se repete em palavras. A palavra é força da natureza que uma vez articulada vira ação. Segundo Mia Couto, *“Varrer as avessas: em vez de limpar os caminhos, espalhávamos sobre eles poeiras...”*

Todos tem uma essência, bagagem que vem das experiências vividas e trazidas pelo vento que, ao circular, faz a conexão com a dinâmica de quem vive: como símbolo, opera fazendo a ponte entre o mundo e a consciência, refletindo o modo de viver. Nas palavras de Donald Mello, *“... Das sombras do passado, pó / ao futuro do presente: vida...”*

A poeira trazida por ventos fortes vibra de tal modo que desperta a consciência criando a expectativa, não como força libertadora, mas como algo que estamos vendo pela primeira vez; como em Pedro Du Bois, *“...o vento traduz / o tempo / rápido / em retrospectos / e revoltas // avança e retrocede / vidas não escamoteadas / do corpo dolente contra a parede / onde os olhos refletem o todo...”*. Sentir o vento e decifrar o seu significado é a opção que traduz o desejo e o poder da palavra, como a poesia ao evocar a mágica do encantamento indo além da razão, que Jorge Tufic exemplifica da sua janela poética, que *“A poesia é singular / e excludente: quanto menos / folhagem, mais fruto.”*

Através da janela discreta ventos trazem a poeira e junto o horizonte, o que nos possibilita repensar o mundo e transformar o

pensamento em expressão poética, como em Laura Esteves, “*A poeira espanta o meu cotidiano. / A poeira sobe, se esparrama / e brilha à luz do sol...*”

A poeira é a expressão do tempo na transgressão da história, no desenvolvimento e nas mudanças. Sentir a poeira é vivenciar o processo em nossa história pessoal, reveladora no seguir o olhar; dar razão à emoção e partilhar cada mistério. Júlio C. Peres escreveu que “*Luto com a poeira.../ Quando menos se espera / lá está ela: / ...sobre o meu trabalho abandonado // ...A me chamar a atenção / sobre tudo o que devia / ter feito / e que até então / não me veio inspiração...*”

A poeira pode ser a esperança por mais e mais histórias, para dar um panorama à vida. Somos sensíveis, criativos e singulares no que a poeira traz em outros amanheceres onde deixa a sua marca.

Na janela discreta, ao longo do tempo, descobrimos que a vida passa por todos os sentidos e sentimentos, restando apenas o pó como referência do homem para o entendimento do seu limite. Mario Quintana, expressa: “*Quando eu for, um dia desses. / Poeira ou folha levada / No vento da madrugada, / serei um pouco do nada / Invisível, delicioso...*”



TEMPOS em TEMPOS
“Quando não tem na vida um porque,
vive-se sem dificuldade o como”. Nietzsche

Ciúmes

“Eu amo / Tu amas / Ele CIÚMES separa”

(Benedito Cesar Silva)

O amor acende a luz e oferece a chance de nos sentirmos amados, então, tudo brilha; mas, nem todos os relacionamentos cumprem esse papel, como escreveu Benedito C. Silva, no verso utilizado em epígrafe.

Quantas vezes nos sentimos inseguros e amargurados por imaginar coisas com a sensação de rejeição, assumindo uma conduta que só existe na nossa cabeça? Os ciúmes podem levar à ruptura e dor. É preciso avaliar os valores e a ética pessoal, mesmo que o sentimento provoque sofrimento; e investir numa relação descomplicada, onde possamos desatar os ciúmes e reconhecer o nosso valor, admitindo as diferenças e vivendo em relação de cumplicidade.

Procurar libertar-se do ciúme porque ele é o responsável pela tristeza, raiva e inveja, chegando até ao ressentimento. O melhor é refletir e confiar nas nossas qualidades, para nos tornarmos mais seguros e valorizarmos os amigos, conhecê-los melhor e amadurecer os relacionamentos para que não gerem dúvidas. Gabriel G. Marquez retrata os ciúmes como desafio, *“Ciúmes / Que maravilha, disse ela. Sempre disse que os ciúmes sabem mais que a verdade.”*

Amar é amar, sentimento importante para seguir a vida com felicidade. Estar apaixonado é sentir uma atração, acreditar na nossa singularidade, porque depende de como encaramos os ciúmes. Devemos aprender a ser flexíveis nas relações porque nos cabe controlar as



emoções. Luiz Coronel cita, *“Eu te amo, tu me amas. / Qual dos dois odeia mais? / Quando se plantam rancores, / em vez de lírios, punhais...”*

É nos momentos de crise que temos que estar prontos e com coragem para enfrentar as cenas de ciúmes. Sempre é tempo para aprender, escolher, descobrir e reconhecer os próprios desejos. O reconhecimento nos mantém conectado ao que julgamos importante, a estabilidade emocional. Não deixemos que o ciúme nos faça desistir de amar ou de nos separar do amado. Como em Thiago de Mello, *“... a vida que não se guarda, / nem se esquiva,.../ vida sempre a serviço / da vida. / Para servir ao que vale / a pena e o preço do amor.”*



Sem mágica: Não, Não e Não

Não, não e não. Essa fórmula é mais uma das minhas invenções sem nenhuma base científica. O desafio de tomar atitudes e adotar valores por conta própria: as mudanças.

Quem há de negar que a fase mais emocionante da vida é aprender que os sonhos dependem dos nossos gestos e palavras? Através do poema de Pedro Du Bois posso ver a marca da diferenciação, sem mágica. *“Onde repousa a justiça/ se não na liberdade? Onde maior autoridade/ do que no exercício da razão? Onde encontrar a responsabilidade/ se não houver virtude? Assim, podemos dizer não, não e não”*

Poder dizer não é liberdade e escolha; é liberdade vigiada. A liberdade verdadeira me permite ir ao encontro das minhas respostas e dos meus desejos, como se fossem únicos, revelando novas afinidades, expectativas e fatos.

Ter a opção do *Não* é direito de cada pessoa e sem essa chance de desistência não há liberdade. No entanto, vivo num mundo veloz e burocrático que não me permite *vacilar*, levando-me a ter respostas na ponta da língua e aonde desejo chegar. Por vezes, me pergunto, estou pensando com a própria cabeça e seguindo meu coração? Segundo Vera Casa Nova, *“...O vazio espregueia o tempo e o espaço. / E muitas vezes tu não tens coragem / De rir e / Secretamente dizes não...”*

Quando falo em sentimentos, decifrar o coração é o desafio mais difícil, porque ele não tem qualquer compromisso com a lógica, com a clareza e com o bom senso. O coração é o lugar da contradição. É a inteligência que inclui sempre boa dose de cuidados e de esperanças. O importante é sincronizar cada passo com o que estou sentindo. Muitas vezes sei apenas que estou gostando do caminho, sem ter noção do meu

destino. Seguindo apenas a sensibilidade para ver as semelhanças em pessoas diferentes.

Penso diferente, digo não sem magia; é uma das maneiras de exercitar a minha liberdade e me preservar. Isso na vida faz valer a pena. E ainda, lembrar do que não quero para mim, ter consciência para equilibrar desejo com ação, como mostra *Telenia Hill*, “*Para ser livre o homem precisa ter coragem de negar...*”.

A importância de negar reside no modo como digo *Não*. Representa um freio ao meu desejo; mas é possível aprender e identificar o significado do “*não*” e a lidar com as mudanças. O principal é ter iniciativa para os dias de hoje, ter a capacidade de colocar em prática a minha ideia e opção. A cada torpedo negativo da mente, retruco com um positivo; lembro das conquistas pessoais e dou a justa medida a cada desafio, valorizando cada passo e cada negação, sem mágica.



Labirinto de Emoções

Quem nunca se perguntou como se entra no labirinto de emoções? Enfrentamos no dia a dia o sentimento de estarmos, muitas vezes, perdidos em um labirinto de emoções. Processo causado pelas mudanças que passamos no cotidiano: sem tempo para o amor, o desejo, o compromisso e a dedicação à vida a dois.

O trunfo é revelar o que as emoções fazem para encontrarmos e conquistarmos o que queremos, o mistério e o charme são considerados consequência. Gestos de carinho, atenção, respeito e sensualidade sinalizam uma base amorosa e resistente, como podemos ler nas obras de Carlos Higgie, *Caleidoscópio* e *Nebuloso Losango*. O autor cria situações eróticas, sexuais e sensuais que fantasiam ao descrever a intimidade como refluxo da vida descoberta no labirinto das emoções.

Labirinto das emoções são os sentimentos, os sentidos que resgatam a motivação para cultivar os bons momentos. Quando falo de sentimentos, refiro-me que cada um formula suas hipóteses ao imaginar sobre os sentidos: as emoções ao trilhar o mesmo caminho refletem a vontade de ir além dos *muros*.

Na vida a dois é preservada a memória no processo de converter o eu em nós. A amplitude não se confirma nos temas pessoais e sim em labirintos de emoções: envolvidos com o dia a dia esquecemos a arte da conquista. Fazemos declarações de amor, trocamos presentes e elogios, demonstramos afeto que revelam o bem-querer. Sexo não tem idade, a sexualidade é sempre bem vinda; faz sentido quando na vida nos envolvemos por amor. Respiramos emoções, compartilhamos sonhos e isto nos aproxima das realizações; cada pensamento emotivo atrai sensações e paixões. As emoções restauram a confiança e o prazer de amar. Conversamos com o parceiro: rir e sentir seu perfume nos abre a



alma. Como em Paulo Monteiro, *“Canto teus olhos quando estás / comigo como beijo teu corpo / quando estás comigo / assim nós dois seguimos / lado a lado enquanto posso / estar junto de ti...”*

Ao contemplarmos os labirintos das emoções, percebemos quais cores e estilo de vida amorosa que desejamos ter. É poder delicioso e secreto que desperta a sensualidade, mantendo-nos encantados todos os dias e que nos leva a valorizar o *charme* da experiência, já que as emoções são adquiridas um dia após o outro, com pequenas e grandes alegrias no desafiar os labirintos.



Quanto Custa um Sonho?

“Quando sonho sou outra / Inauguro-me.”

(Helena Kolody)

Um sonho não custa nada, mas requer investimento em tempo, criatividade e afeto. Gestos e palavras revelam um pouco da alma e da experiência, fazendo conexão com a linguagem do inconsciente: nossos sonhos. Nas palavras de *Alphonsus de Guimaraens Filho*, *“Persegui a luz? / Mal segui-a, tendo / onde o sonho pus, / uma flor morrendo...”*

É fundamental considerar o sentimento como a mais difícil tarefa: lidar com as emoções, coloca equilíbrio no dia a dia. Muitas vezes temos a audácia de interpretar os sonhos, mas a graça não está em desvendá-los, mas em vivê-los. Peninha escreveu *Os sonhos*, que Caetano Veloso interpreta *“... Tenho um sonho em minhas mãos, amanhã será um novo dia ...”*

O ideal é sonharmos com a opção que mais combina conosco; repensar as experiências e fantasias, pois o poder de escolha nos dá a oportunidade de nos reconhecermos e, ainda, de vivermos onde podemos abrigar os nossos sonhos: verdades, o ter, o ser e o amor, porque achamos que há espaço em nossas vidas. Segundo Jorge Tufic, *“Agora, sim: / para onde eu flor / carrego meu sonho”*,

A iniciativa é o verdadeiro presente que nos faz sentirmos amados, desencadeando alegrias. O desafio está no plano emocional, por isso, temos de descobrir realmente o que estamos sonhando. Viajarmos um pouco na realidade, com os sonhos, é vivermos em paz e termos a dimensão da vida. Khaled Ghoubar escreveu, *“Sonhar // como gosta a noite / a escurecer os dias / para os sonhos acordarem / dentro da nossa alma / a contar segredos e mistérios.”*



No meio de bombardeio de ofertas, de novidades nas vitrines, vivemos num mundo em que os apelos de consumo estão por toda a parte. É preciso lembrar que a tarefa é darmos tempo ao tempo, porque não conseguimos tudo o que queremos o tempo todo, como em Pedro Du Bois, *“Sonho //... restitui a lembrança do esquecido / gesto não realizado: nos sonhos / a incompreensão dos fatos”*.

Nesta investigação, o coração aperta e muitas vezes o orçamento pressiona... um dia cai a gota d'água e entramos em curto circuito. Desabamos em rompantes de emoção e, nesse instante, entre o acontecido e a vontade de explodir, o desafio está em sabermos: quanto custa um sonho?



As Mãos

Sabe o que está escrito na sua mão? Orides Fontela responde: *“Leio / minha mão / único livro”.*

Os poetas dentro do processo criativo contextualizam “as mãos” como desafio, desenvolvendo um olhar afetuosos e captando a essência atemporal da palavra, com a finalidade de desvendar esse poder absoluto que as mãos exercem sobre nós. Nas palavras de Jorge Tufic, *“Para / Fernando Pessoa / os símbolos / não são você / nem ninguém. / São a noite interna / o dormir acordado. / Símbolos. / As mãos, por exemplo: / Quem são elas?”*

As mãos constituem a individualidade no sentido da existência e, ao as vivenciarmos, encontramos os gestos declarados: mãos que guardam o tempo, mãos frias e quentes, mãos estendidas e recolhidas, mãos que arremessam e acenam, mãos que ajudam, mãos para trás negando o contato e renegando o gesto, mãos carinhosas e amigas, as mãos do carrasco, mãos lidas pelas ciganas, mãos calejadas, mãos trêmulas e a *Mão Única*, de Orides Fontela: *“é proibido / voltar atrás / e chorar.”*

As mãos revelam os gestos e descrevem os diferentes processos que vão da aprendizagem à liderança e da tristeza à alegria. Elas, ainda, representam a confiança nas relações pessoais, promovendo a emoção, como em Carmen Presotto, *“Há mãos / que ao contar poemam / escrevem no tempo / libertam amarras / reúnem amizades / e dão às letras liberdade...”* Também são retratadas no homem que sofre, quando lança mão de um amor, como o livro *As Mãos em Cena* de Pedro Du Bois: *“De você / tive a mão / na condução / da vida // ávida como são as diferenças / troquei sua mão / pela minha / e me fiz / sozinho // tenho minha mão interrompida / no momento em que larguei a sua...”*



Ao andar por esse caminho, me instiga pensar o que significam para os poetas, nos dias de hoje, as mãos que os tocam; seriam elas que dão a beleza e a força? Benedito Cesar Silva nos mostra que *“Desço as mãos sobre seu corpo, / Incorporando-o ao meu. / Na dualidade das partículas em atrito / fazemo-nos um”*.

Percebo que a influência das mãos é manifestada através de expressões que estão presente no nosso dia a dia, como dar com uma mão e retirar com a outra, passar de mão em mão, estar de mãos atadas, ganhar de mão beijada, pedir a sua mão, não abrir mão de, *“... Não abrirei mão de arrancar as estacas, / de ampliar horizontes e o que se faça, / para enraizar e frutificar sonhos!”*, nas palavras de Benedito Cesar Silva. O interessante é que o homem em sua essência continua o mesmo, o que muda são as circunstâncias que na linguagem poética tem a liberdade de buscar novos e simbólicos temas, que o poeta escreve com pluralidade de significados, deixando a linguagem viva, como em Armino Trevisan, *“Antes que a romã / escancare as portas / do dia / beijo-te as mãos”*.

Essa liberdade que pensamos ser verdadeira e alcançada pelos poetas, talvez seja apenas mais um dos segredos da motivação com que eles apontam uma nova maneira de produção. Ao desvendar esse poder é preciso manter como tema o sonho da conquista; buscar no pensamento as impressões baseadas nas razões e nos sentidos, como percurso de comunicação. Na visão de Carmen Presotto, *“Há mãos que ao contar / amam no tempo em que vivem / e por isso, trabalham, dobram espaços, / lutam e transformam horizontes...”*



Passagem do Tempo: Lembranças

“... o que parou no passado: / tenras lembranças, sentidas / Que na vida transitória / Lá no fundo da memória /

A gente tinha guardado”. (Tenebro dos Santos Moura)

A passagem do tempo é uma releitura dos fatos da nossa história. São tantos os acontecimentos que, por vezes, lembramos como, onde e quando aconteceram. Outras vezes, se revelam em desordem que solapa a memória. Como em Carlos Pessoa Rosa: *“... sabemos como a memória traz a tona recalques cuja existência muitas vezes ignoramos e que poderá turvar ou distorcer o que tínhamos como certo...”*

É bom sabermos que a memória é uma espécie de selo de qualidade. Porém, mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra, ela falha para todos nós e deixa nossos dias vazios, sem recursos para pensar sobre as questões pessoais, interrompendo a nossa rotina.

São tantos os momentos para lembrar em minúcias e as decisões para tomar, que nos sentimos sobrecarregados por não contarmos mais com a memória. Então, buscamos limites em nós e recordamos as boas escolhas em prol da qualidade da existência. Nas palavras de Ivo Gomes de Oliveira, *“... lembranças e saudades, sentimentos ligados à memória / que fazem o homem descortinar outras sensações / que se encontram ocultas dentro de si.”*

É na passagem do tempo que percebemos como perdemos a beleza e ganhamos a tolerância junto com a felicidade e o amor, que pedem passagem e em histórias paralelas lembram a paixão e a desilusão, num só reflexo. A sensação é de que ao lembrarmos dos fatos e atos acrescentamos algo significativo aos nossos dias. Benedito

Cesar Silva expressa, *“Na paisagem no espelho. / Uma releitura, / visto que o tempo passou, / E, na face, marcou / os caminhos da felicidade.*

É bom estar ciente de que a vida é desafio e que um gesto pode nos fazer ganhar tempo e movimento, como o amor revela o tempo em lembranças. As imagens, os sons e as sensações podem fortalecer a memória, como em Pedro Du Bois, *“Na memória / gestos e tempos / perdidos / em lembranças. // Minha lembrança / quer o tempo parado // no mesmo banco da praça.”*

A passagem do tempo é cortina, momento de suspense, e que ao abri-la deparamo-nos com as lembranças, seus significados e seu efeito restaurador, capazes de elevarem o nosso sentimento para seguirmos em frente vivendo nossa singularidade e buscando o tempo que nos permita sermos felizes. Quando não esquecemos é como termos encantamento pelas páginas da vida. Não podemos perder a chance de reviver as lembranças e de merecermos conservar os fatos. Pedro Du Bois revela que, *“... o homem é a sua verdade / em todas as fases / dos seus sonhos / e na ilusão da realidade”.*



Em Questão de Minutos

“O tempo é surpreendente / Dono do passado e do presente /

É como um quarto escuro / Reserva em segredo o futuro...”

(Cândido F. Ferreira)

Acredite, no momento estou sem tempo – *marco em minha vida* - e não consigo pensar, apenas suspiro e tento recuperar a ironia e a paixão pela vida; fica apenas a atração pela polêmica do suicídio. De consistente, trago a esperança, que constituí traços definidos em um só momento.

Em questão de minutos estou na defensiva. Logo, penso na palavra desistir... Por que é impossível preencher a página. A sensação é de já ter vivido esse momento que por muitas vezes me deixa confusa: o tempo não para e não volta. Lêdo Ivo questiona, *“Que fazer de nossas vidas / se tudo não vale nada e não vale um caracol // o sol que tão alto brilha?...”*

Em questão de minutos penso na desistência com compreensão, meditação e revisão sobre a vida e seus desdobramentos, que me reporta ao tempo como semelhança do domínio na conclusão imprevisível e irônica, que torna evidente ser o pensamento que detém a palavra final sobre a verdade e a problemática do homem, seu destino e a sua história. Gilberto Cunha coloca, *“Haverá um tempo (não muito distante de agora) que ao homem será permitido escolher seu próprio destino... Somos prisioneiros de nós mesmos...”*

Em questão de minutos, o suicídio passa pela minha cabeça, quando o sonho de ficarmos juntos não passou de ilusão, restando apenas a questão da morte, como garantia de vida. Encontro em Pedro Du Bois,



“...não temos como lembrar / o vazio das lembranças: / ...perdidos um no outro / nos consolamos em vidas sozinhas...”

Em questão de minutos lembro o fato ocorrido, com o escritor Leopoldo Lugones, que se suicidou em 1938. Ele foi considerado pela turma de Jorge Luis Borges *“um verdadeiro patriarca estético”*, segundo Antônio Fernández Ferrer.

Em questão de minutos a literatura me faz crer que o suicídio é algo mais do que a palavra pronunciada adverte e prescinde cuidados especiais, como as que encontro no poema *A Nona Colina: Suicídio*, de Carpinejar e na *Estória de um Suicídio na Fábrica de Adesivos*, de Mário Chamie.

Em questão de minutos reconheço que a poesia pode ser triste e, ao mesmo tempo, esperançosa. Aí reside a beleza da vida, já que esquecer a lembrança ao passar por minutos chocantes, implica na negação que o tempo em ciclo distante prevê o destino e mostra o lado da desistência, como em Mário Chamie, *“...nas camadas do destino /as estradas do suicídio...”*.



Paixão em ordem

”Pego a palavra amor e dentro / dela semeio meu sigilo: / este rumor do mar batendo, / esta paixão, este suspiro”

(Gilberto Mendonça Teles)

Quão poderosa é a paixão? Para responder a essa pergunta é preciso ordenar os sentimentos, encontrar o amor, a cura da alma e buscar o sonho. Apaixonamo-nos muito, de forma desordenada e desesperada, quando jovens. Com o passar dos anos a paixão é mais aberta, madura para amar uma pessoa como ela é. Encontro em Paola Rhoden que *“A felicidade está em fazer de cada pequeno instante // um grande começo, / e confesso, / que não fiz deles, // uma ponte de sucesso...”* e, em Frederico Barbosa, *“...sentimento: forma que reforma dentro.”*

A paixão muda o comportamento, as atitudes e estabelece preferências, como conversar olho no olho. É poderoso sentimento que desafia e acalenta o coração. Os sentidos entram em comunicação, permeando e transmutando impressões e sensações. Essa desordem sensorial é a paixão. O apaixonado faz gênero sensível, como amante do risco tem a coragem para combater o medo e enfrentar as diversidades. Estar apaixonado é se relacionar verdadeiramente e expressar emoções mais profundas. É falar sem palavras, produzindo estímulos que levam ao que realmente somos ou sentimos. Nas palavras de Pedro Du Bois, *...amantes, na comunicação / com que se elevam, beijos / e contatos, a paixão entregue / ao anunciar dos desejos...”*

Como quesito do sentimento na poesia, lembro o *Poeta da Paixão*, Vinicius de Moraes, por dois motivos: a importância da sua obra poética e por ter sido um homem que viveu intensamente, entrelaçando sua vida,



acionando os sentidos, como em *Onde está Você, Soneto de Fidelidade e A Luz dos Olhos Teus*. Também, saliento o livro de Luis Augusto Cassas, *Liturgia da Paixão*, que fala dos mistérios da paixão e do amor em sua pluralidade – “...*De pequenos e grandes gestos / renasce o amor: / fogo no coração, / chuva na emoção, / até ressurgir a luz / cristalina da paixão.*” E Carlos Higgin, no livro *Caleidoscópio*, conta que a paixão é sentimento que não tem limites, “...*de cara para o mar, abraçados, os olhos perdidos no horizonte, olhavam como o sol pintava o céu...Era emocionante para ela, sentir a mão firme do rapaz na sua, as pernas quase se tocando, ele recitando uma poesia de Neruda e a natureza brindando-lhes com aquele maravilhoso espetáculo...*” E, ainda Paulo Monteiro com a poesia, *Paixão* do livro *Eu resisti Também Cantando*.

Numa paixão o essencial é transformar o relacionamento em acontecimento: unir respeito e carinho. O segredo é se sentir em mudanças ao desejar a paixão como desordem dos sentimentos; ordenar as relações sabendo prestigiar a si mesmo para amar o outro: somar, dividir e multiplicar o amor. Como no livro *Cantar de Amor – entre os escombros*, de Frederico Barbosa, com poemas de amores que se multiplicam em encontros e desencontros, fugindo da *ordem* da paixão.



Que História é essa?

(para Amiltinho)

Reunimos um seleto grupo de amigos, pessoas com os mesmos interesses, mesmas manias, que pensam politicamente do mesmo jeito e tem os mesmos gostos e opiniões. Nessa reunião com os amigos, conversa vai, conversa vem, alguém perguntou: que história é essa?

Antonio Risério escreveu: *“Bobagem. Nenhum capitalismo é selvagem//... Nem a vida, feroz./ O homem é o homem do homem./ Todos juntos a uma só voz...”*

As histórias são a alma das lembranças de que todos conversam e sonham. Acreditam que podem salvar o mundo com o incrível poder de mascarar as diferentes situações. Mas, há os que gostam de fingir que são mágicos e, às vezes, acreditam ter o poder de pensar e compreender ou criticar qualquer situação. Virtudes como tolerância, respeito e curiosidade intelectual não são mais discutidas, mas vivenciadas.

Mia Couto escreveu: *“viver é cumprir sonhos, esperar notícias.”*

A grande liberdade entre os amigos é poder fazer com que a moral se transforme em ficção. Ou seja, aos amigos é permitido, por exemplo, comunicar que compraram os mesmos livros e que estão abertos a novas ideias, e a um sorriso encantador. É fascinante como, com perfeito domínio e curiosidade, vem a pergunta: que história é essa?

No meio do encontro, um relata a ocorrência *“deixando as palavras caírem no chão”*. Com idade avançada e talento, conta a melhor fofoca, *“ferindo-se de palavras”*.



Eles são responsáveis por um estilo de vida, com surpresas impostas pelas suas forças. E, através de atitudes e pensamentos, expressam um gênero pessoal que transpõe o destino. Vão além e até falam dos problemas dos outros, restando apenas a pergunta: que história é essa?

Mario Quintana escreveu: *“O tempo não pode viver sem nós, para // não para.”*

A cumplicidade entre eles é a grande manifestação e, em geral, cada um tenta comprovar quem é tendo por cúmplice o tempo que constrói a intimidade e revela as afinidades e a confiança entre eles. Quando se encontram, nunca falta assunto, conseguem conversar, cantarolar, criticar, conversar sobre tudo, isto é, mantêm interesse nas histórias dos companheiros. Esse é o momento em que as máscaras são deixadas de lado, sobrando as pessoas, de coração aberto, uma admirando a outra.

Nessa reunião entre amigos, a possibilidade de trocarem confidências entre si é o que facilita a pergunta: que história é essa?

Mia Couto escreveu: *Não é segurando nas asas que se ajuda um pássaro.”*

A amizade é o maior teste de alma e fazer parte da memória do outro é a maneira de sabermos que as pessoas entram na nossa vida e a história se faz mutuamente.



“A Curva da Idade”

“O meu maior prazer é mudar de opinião. /

Com esse prazer vou evitando a velhice.”

(Álvaro Moreyra)

Tenho mais de 60 anos. Vim morar na cidade grande para ter atendimento médico e ficar perto de minha filha. Cada vez que penso em sair do apartamento lembro-me da casa que deixei, junto com a liberdade. E, logo, me vem à mente a música de Lupicínio Rodrigues: *“Felicidade foi-se embora e a saudades no meu peito ainda mora e é por isso que eu gosto lá de fora, porque sei que falsidade não vigora...”*

Sinto que existe preconceito quanto à idade e que as pessoas não conseguem ver a minha “idade mental” e perceber o talento que ainda tenho para ensinar. Sou cúmplice de mim mesmo para encarar momentos em que nada parece funcionar. Sei que tenho intermináveis distrações ao longo do dia, as quais não me impedem de realizar as tarefas, administrar o tempo, abordar as ideias para alcançar o equilíbrio. O poeta *Nuno Júdice* pergunta: *“Mas o que fica/ nas palavras / daquilo // que se viveu?”* Trago na bagagem o conhecimento. Sou capaz, experiente, maduro para resolver, ajudar e determinar qualquer situação. Basta que acreditem em mim. Não é porque sou aposentado com a aparência enrugada, que não posso defender meu espaço e meus sentimentos. *Carmen S. Presotto* demonstra, *“Um dia.../ Um dia do futuro viveria sem mim/ Inflaria o infinito em busca de realidade/ Voaria de minha solidão/ Varreria a curva da idade/ Alisaria as pregas da vida/ Vestiria com tua pele as madrugadas// Um dia do futuro fugiria de mim/ Rejuvenesceria a velhice de véspera e/ Só pararia ao me ouvir em tuas palavras./ Amor...”*



Hoje, mesmo sentindo na carne o peso que carrego da sociedade e de alguns “amigos”, sou feliz. Porque tenho a família para amar e pela qual sou amado – considero a minha alegria, o meu raio de sol. E as netas, então? Brincamos de teatro e fazemos leituras em conjunto. Elas conseguem me ver por dentro, o que me leva a não desistir de existir. A vida ganha um toque de felicidade, suavidade e esperança. O que conta é a alma.

As pessoas precisam aprender a amar para respeitar a curva da idade. Nós, idosos fazemos parte da “memória cultural” e sem ela não haveria histórias para contar. Com certeza, alguns desejos custam caro, outros nos emocionam de tão singelos.

“... Lindos sonhos de amor, ternura e saudades. / Igual aos mistérios que o vento sopra / Que hoje o meu velho coração silencia...”
(Carlos Alberto Lima Coelho)

Ao vivenciar os constrangimentos, sofro. Custo a acreditar que ainda há pessoas que pensam que são melhores por serem mais jovens. Sempre me pergunto: por que elas tentam enganar os idosos? Não basta sentirmos a curva idade todas as noites quando deitamos? Será que incomodamos tanto essas pessoas que elas não conseguem olhar para o lado? Será que merecemos ser tratados com indiferença? Essas perguntas queimam minha alma. Belvedere Bruno, reflete: *“... Passo as mãos sob meus cabelos,... é o embranquecimento em si que me conduz ao estresse? //... O corpo que visualizo em minha lembrança, substituindo-o por este que vejo no espelho...”*

E o que pode ser feito? Esta indagação é mais antiga do que eu, e está atrás da busca por um sentido interior, um caminho para a reflexão, para anunciar, indicar um novo olhar sobre as nossas dificuldades e carências que, assim, afastaria o preconceito e reconquistaria a dignidade, o amor e a alegria; zelaria por viver o amanhã e assim contribuiríamos para um mundo com mais vitalidade, inspirado no respeito. Segundo Nizan Kabani: *“Eu conquisto o universo com palavras. //... os verbos e os nomes, //... E crio uma língua nova.../ Ilumino a nova era / E detenho o*

tempo nos teus olhos, / Apagando a linha que separa / Este instante da passagem dos anos.”

Repensar a Morte

(para Carlos Pessoa Rosa)

*Nossas imaginárias linhas, justificando a vida
e a morte. (Pedro Du Bois)*

Preciso exercitar o viver, porque tudo na vida são fases. Muitas vezes, fico pensando, cadê minha vida? Arrumo tempo para construir e produzir, é um tipo de exercício para projetar o *viver a vida*. Com o passar do tempo, volto a dar atenção e curtir as *coisas* de que gosto. Vivo em paz comigo mesma, com os amigos e familiares, o que já considero um grande projeto.

Hoje, estou passando pela fase de repensar a morte. A palavra em seu significado. A ausência dos entes queridos. A saudade da juventude. O descaso das pequenas políticas. A importância da dimensão humana. Penso e repenso onde a morte se encaixa na vida. Lembro que os antigos diziam, *basta estar vivo para morrer; ganhar para perder; amar para ser amado; ler para aprender, ver para crer...* Assim, digo que a vida parece um ensaio. E, por falar em ensaio, encontro em Carlos Pessoa Rosa, *Mortalis*, “... a morte cria diversos sentimentos... permitindo vivenciar a emoção do amar quem vai partir e odiá-lo por se permitir isso”; e mais, “*Diariamente o homem toma decisões, assume posturas novas, dele nasceu ideias, abrem-se caminhos cheios de emoções, e nada disso ocorre sem que a morte o acompanhe*”.



Ausente, espelho a morte como recurso ou conflito da presença na poética. Ao mesmo tempo, me pergunto: como posso me sentir inspirada e entusiasmada ao ler o ensaio de Calos Rosa, que pondera sobre a morte? Mas, ele me passa a sensação de que o cuidado para não morrer abre a cortina da revelação para com o mundo interno e externo. A essência se torna real. A noção de perigo, irreal por pensar que nunca acontecerá algo de ruim conosco. Gilberto Cunha salienta que *“Pensar na vida, não é algo que pode ficar restrito a um mero ato introspectivo, uma vez que, com relativa facilidade, podemos constatar que há uma multidão de organismos vivos que são diferentes de nós...”*

Procuo ser presente e atenta quando percebo algo de bom, ruim e necessário ao tempo. Tento manter a postura ao abrir concessões nas vezes em que repenso a morte como compreensão do mundo. Pedro Du Bois, no livro *A Ausência Inconsentida*, configura, *“A morte assoma horrenda face / amiga das horas amargas...// o que assusta a impossibilidade / do retorno e a dor da saudade.”* O que mais me impressiona na morte, é o fato de ela estar ligada à essência da vida, e não ser como exercício de concentração para quebrar padrões no palco da vida. Repensar a morte é sentir a angústia de estar vulnerável, como em Carlos P. Rosa, *“... é a morte uma mãe que ao mesmo tempo em que nos oferece a vida, também a roubará. Não temos opções, ela é certa e inexorável”*; Álvaro Moreyra completa, *“ausência enche a casa toda.”* e Wittgenstein alerta, *“A morte não é uma experiência de vida; morte não pode ser vivida”*.



RETRATO dos RISCOS e RABISCOS
“...a imagem
despreocupada
a servir aos olhos”
Pedro Du Bois

Diferenças Culturais

“Cultura é aquilo que permanece no homem quando ele se esqueceu de todo o resto.” (E. Henriot)

Um fator que marca a vida é a busca por desafios. Riscos são importantes para o aprendizado e a convivência em diferentes culturas, como mostra Luiz de Miranda, *“Onde se aponte / ou se escreve pampa / leia-se: liberdade / em todo o horizonte”*.

A diferença cultural está no idioma. Um universo novo de costumes e visões. É processo de comunicação, observação e interação, para que se possam compreender outras formas culturais, que possam ser entendidas por nossa cultura.

Antonio Olinto escreveu que, *“Há regiões do mundo onde a cultura é poesia. Vinculadas a um idioma às vezes marginal, mantêm-se firmes e livres em seu isolamento poético, mesmo participando de outras unidades nacionais e presas a contextos civilizados geograficamente mais amplos.”* Incluo a cultura gauchesca, ou gaúcha, do Rio Grande do Sul, nessa classificação, como nos apresenta Luiz de Miranda, *“O Rio Grande é meu país / A língua é meretriz / na sua doma até a raiz - / O poema fere de morte / o que em nós / a língua escuta. / E salta da página para o coração.”*

Neste caso, a poesia tem lastro cultural e pode ser pura oralidade, ou escrita, que mostra o contexto de vida na força da palavra, como vínculo e significado, onde a história é versada com fluência pontilhada na tradição gaúcha. Tyrteu Rocha Vianna reflete com a poesia, *“O general Bento Gonçalves da Silva / fez a separatória república de 35 / com bandeira / verde amarela encarnada / Escudo complicado / Ajutório de*



Garibaldi dei due mondi / E o rubro barrete frígido Da mulher deusa Razão parisiense...”

Ao falar de diferenças culturais é necessário explicar como agir e tentar entender por que os outros fazem as coisas, da maneira como fazem. É questão de base cultural. Consideremos o que Hannah Arendt escreveu: “... o que proponho é uma reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências... estão ao alcance de todo ser humano... a mais alta e talvez a mais pura atividade de que os homens são capazes – a atividade de pensar”. E Ziza de Araújo Trein, “Adeus mi’as brancas coxilhas, / Brancas de “barba de bode” / bordadas de pinheirais! / Vejo-as cobertas de trilhas / Onde o Minuano sacode / As espigas dos trigais.”

Assim, num mesmo país, como o Brasil, por exemplo, onde se fala a mesma língua, ainda há diferenças culturais, como a gaúcha, a baiana, a paulista etc. São processos de mudanças diferentes que requerem ambições, aspirações e sonhos para desenvolver a cultura em sua totalidade. É preciso encontrar a maneira de fazer as coisas certas, como em *Breves Gestos*, de Pedro Du Bois, “*Misturamos culturas / de lugares distantes não cruzados nos caminhos, / aprendemos com os outros, apreendidos, / não nos distinguimos como únicos, / receptivos nos doamos ao desconhecido //... / Misturamos sementes...*”



Dinheiro: muda os Valores?

“A maior desgraça de uma nação pobre é que em vez de produzir riqueza, produz ricos. Mas ricos sem riqueza.

Na realidade, melhor seria chamá-los não de ricos, mas de endinheirados.” Mia Couto

As mudanças inspiram-se nas etapas de inflexão da história; não custa indagar: somos ricos ou endinheirados? O dinheiro muda os valores?

Quando chego a essa pergunta, quero salientar que o crescimento pessoal é particular e intransferível. A busca pela realização passa pela interação com os outros, mas é a busca particular que sinaliza a maneira como o profissional se orgulha de ser bem sucedido. E, talvez, seja bom comparar as diferenças e explicar que a riqueza pessoal é um bem maior do que o material. Também é preciso lembrar o quanto é desleal ostentar e ser arrogante. Importante é provar que lidar com o dinheiro é ter consciência de que ele não compra o ser, mas apenas o ter. Como diz a letra da canção de Sidney Miller: “... Eu vou perguntar / Joana o que aconteceu? / Dinheiro não faz você mais rica do que eu.”

O dinheiro muda os valores quando a pessoa vive apenas a fase de expansão material, em que a sua energia diminui e suas insatisfações vão se expressando em ter mais e mais... Assim, se vê que na essência a ordem continua a mesma, mudada apenas na forma com que são conduzidas as escolhas e os comportamentos.

Ser endinheirado reflete a realidade? Sim e não, porque longe de ser espelho, tem forte participação no definir o que a pessoa escolhe. Por

exemplo, como no fato ocorrido em agosto de 1990, no centro de João Pessoa, onde uma moça, não identificada, jogou notas dinheiro de todos os valores do décimo-segundo andar de um prédio, gerando tumulto por conta da multidão que lá se formou tentando pegar as notas. Então, é possível que a pessoa se confunda em ter dinheiro com ser endinheirado. Segundo Mia Couto, *“Endinheirado é quem simplesmente tem dinheiro, ou pensa que tem. Aquilo que tem não detém. Porque na realidade o dinheiro é que tem a ele.”*

Reparo que os endinheirados não apresentam conhecimento cultural, sendo apenas ricos em dinheiro, com o que pensam poder comprar TUDO. Os endinheirados não percebem que seus dias são vazios; o dinheiro pode ser economizado, mas, respeito, caráter, educação e cultura são adquiridos através do crescimento pessoal, processo que não tem fim e através do qual podem se transformar em alguém com dinheiro: rico, com postura de amor ao próximo, descobrindo como pequenas atitudes podem fazer grandes diferenças em suas vidas. Através do valor do trabalho, sentir poder criar, ousar e deixar fluir o pensamento, levando o amor, a esperança, a mudança e a sabedoria como fonte; não o dinheiro, mas a intensidade de vivência e a medida dos sentimentos. Ao rever a postura, definir os objetivos, fazendo valer cada centavo ganho em benefícios definidos nos parâmetros e na correspondência da expectativa social e cultural. Segundo Mia Couto: *“Rico é quem possui meios de produção. Rico é quem gera dinheiro e dá emprego.”* Ricos somos nós, na medida em que nos manifestamos com honestidade, ética e não nos vendemos por dinheiro nenhum, apenas vivemos em descobertas, em liberdades de escolha e novas ideias. Thiago de Mello, no artigo XIII do seu Estatuto do Homem, faz constar que *“Fica decretado que o dinheiro / não poderá nunca mais comprar / o sol das manhãs vindouras. / Expulso do grande baú do medo, / o dinheiro se transformará em uma espada fraternal / para defender o direito de cantar...”*



A Cidade de João Ninguém

Você já ouviu falar na cidade de João Ninguém? É a cidade onde todos mandam, ninguém obedece e poucos respeitam.

Noel Rosa, em tempos passados, compôs uma letra com o nome de João Ninguém. O poeta teve sensibilidade para compreender o que estava acontecendo à sua volta; foi capaz de traduzir naquela música o seu tempo social. Trabalhou duro a palavra para tentar mostrar o que estava acontecendo em uma cidade saída da Revolução de 1930, num país carente da palavra; ele soube usá-la para definir o movimento das palavras para com a música: *“João Ninguém / Que não é velho nem moço / Come bastante no almoço / Pra se esquecer do jantar / Esse João nunca se expôs ao perigo / Nunca teve um inimigo / Nunca teve opinião.”*

Mas, nos tempos atuais, é a cidade em que o povo escuta música em volume excessivo, nos carros, nas ruas, até altas horas; os carros são estacionados de qualquer maneira, em qualquer mão. Nas lojas, parece que cada dono faz o seu próprio horário de atendimento. Não há policiamento. As casas são assaltadas à luz do dia. A novidade é que, agora, os ladrões escalam prédios e até matam para roubar. Os supermercados fixam preços de acordo com a temporada. O saneamento básico é feito e refeito. E como é a cidade de João Ninguém, não são tomadas providências, nenhuma atitude sobre absolutamente nada. Tudo é permitido, tudo podem.

Álvaro Mutis, poeta colombiano, mostra-nos que a força das armas não contempla a permanência, ao contrário, leva à destruição e ao esquecimento; a ilusão do progresso como atos a reconfigurar a terra em novas formas de compartilhamento: *“Senhor das armas / ilusórias, faz tanto tempo / que o olvido trabalha / teus poderes que teu nome, teu reino / e torre, o estuário as areias e as armas / se apagaram para sempre...”*



E como vivem os forasteiros nessa cidade? Eles entendem que a cidade de João ninguém é protegida pela natureza. Que o Sol é glorioso e a Lua quando bate no mar reflete os sonhos. Que o entardecer se confunde com as telas de Ivan Freitas. Que o mar é verde como a esmeralda, como pinceladas de Sansão Pereira. Que os pescadores pertencem à tela de Elias Andrade.

E que, ainda, sentar no terraço e apreciar a paisagem na companhia de Mario Quintana, Jorge Luis Borges e Saramago faz com que consigam esquecer que essa cidade pertence a João ninguém. A brisa chega com Cecília Meireles e cada momento de *“Isto ou Aquilo”* é desfrutado com muita sabedoria.

Assim vivem os forasteiros na cidade de João ninguém, tentando unir as letras ao povo, dando-lhes lápis e papel para perceberem a realidade; desafiando a cidade a arranjar um amor e uma palavra.



Talvez...

É curioso o destino que a palavra *Talvez* recebe dos escritores. Eles misteriosamente optam pela multiplicação do silêncio, do que o multiplicar das páginas. Talvez... são dúvidas que abrem caminhos. Algumas interpretações são inevitáveis na busca pelo reconhecimento da sua natureza, fazendo-as desvendar aos olhos do leitor.

“... Quem sou, quem és, quem somos nós / Neste Universo tão confuso e imaginário / Talvez um pedaço da natureza, não estamos sós.” (Carlos A. Lima Coelho)

“... talvez volte a si / em seus últimos instantes / mas seja tarde // talvez reaja antes / e consiga salvar-se / em cataclismo...” (Eduardo Barbosa)

Talvez nem tenha nascido, / Dedica, pois, teus poemas. / Não a datas, porém: / As almas não entendem disso...” (Matyrio Quintana)

“... Um dia impossível de escolhas. / Talvez um domingo chuvoso, abafado. / Ou uma Sexta-Feira que me acordasse no Domingo...” (Carmen Sílvia Presotto)

“Talvez eu seja mesmo astuta e disso não sabia. Quem sabe, eu sabia de tudo e não dizia nada para não fazê-lo explodir no alto e esborrachar-se feito sapoti que cai do galho ou apagar-se em sua escuridão?” (Nilto Maciel)

“... Talvez porque ainda a amasse. Talvez. Como dói o indeciso tempo do “talvez”. Pior que essa dor apenas a conformada certeza dos amores eternos.” (Mia Couto)

Entre múltiplas facetas, os escritores, na possibilidade da dúvida, falam da verdade, dos sentimentos que trazem harmonia e criam um

estado próprio em que assumem, em certos momentos, a tarefa de criar poeticamente e evidenciar a linguagem de si mesmos. É preciso lembrar que os poetas são capazes de fazer coincidir o discurso e o silêncio e, ao mesmo tempo, propiciar ao leitor conhecer as suas preferências, idiosincrasias e seus valores literários que marcam seus trajetos intelectuais e poéticos. Nesse movimento, encontro o livro TALVEZ..., de Lilian Hellman, onde se percebe que a verdade é o ponto de equilíbrio, permanecendo inalcançada e imbatível, como a vida. Ela costura as palavras, filosoficamente, de maneira encantadora e atrativa, relatando a história de Sara Cameron, com a intenção de talvez podermos compreender e reconhecer a verdade.

Talvez devêssemos reconhecer que são muitos os sentimentos presentes e que é difícil imaginar a vida sem talentos literários que personificam os personagens com os mistérios do homem. E o papel do escritor está consagrado na contribuição cultural, ao ir além, reforçando e transformando a verdade.

Talvez, o melhor para a nossa imaginação inquieta seja relembarmos o poeta António Ramos Rosa: *"Deixe as palavras caírem.. vazias / Talvez uma forma silenciosa / se liberte / Talvez elas repousem no espaço / Talvez melhor do que o / silêncio / nesta folha... // Talvez nada se passe / ou quase nada e isso seja o todo do que é / que nunca é."*



A Construção do Gesto

Na construção do gesto temos a representação do pedreiro como fonte primordial da vitalidade em quem podemos acreditar como possibilidades da importância das mãos. Segundo Pedro Du Bois, *“Tenho a terra sob as unhas / o que seria meu / e de todos...// - o que seria se a terra estivesse / sob as unhas // a as mãos calejadas”*

Na música, Chico Buarque homenageia o pedreiro como motivo do mais legítimo orgulho do povo brasileiro, qualificando o seu trabalho com as composições *Pedro Pedreiro* e *Construção*. *“... Pedro pedreiro espera o carnaval / Esperando , esperando, esperando o sol // Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem / Pedro pedreiro penseiro esperando o trem / Manhã parede, carece de esperar também / Pedro não sabe mas talvez no fundo espere alguma coisa mais linda do mundo...”*

A letra dessa música, na verdade é muitas vezes peça de ficção, mas também é categórica na identificação do gesto quando a versão se mistura à vida. Em vez de discursos há uma composição que se faz notória e engrandece a profissão do pedreiro como ato social.

“Subiu a construção como se fosse máquina / Ergueu no patamar quatro paredes sólidas / Tijolo por tijolo num desenho mágico / Seus olhos embotados de cimento e lágrima / Sentou para descansar como se fosse sábado...” (Chico Buarque)

O pedreiro trabalha em ritmo de muita exigência e prazos: início e término da obra. Ele é peça principal no jogo de montar. Sua prática e visão são estratégicas para obter o caminho até o resultado, e encontrar a satisfação do trabalho feito pela conquista das mãos. O mérito é o processo, e a prática é o resultado da busca do reflexo na sociedade para a valorização da profissão.



“...Subiu na construção como se fosse sólido / Ergue no patamar quatro paredes mágicas / Tijolo por tijolo num desenho lógico / Seus olhos embotados de cimento e tráfego / Sentou prá descansar como se fosse um príncipe...” (Chico Buarque)

Ao pedreiro faço reverências, pela capacidade de sobreviver aos desafios gerados pela construção que, ao ser vivenciado, revela o gesto. Trata-se na verdade do reconhecimento por acreditar no seu esforço e pela contribuição que traz para a sociedade, onde desempenha o papel importante de ter a construção como gesto. Como nas palavras de Pedro Du Bois, *“Bastam as mãos ...// saber que o pó entranha a ele... // sem enfeites bastam as mãos / repousam sobre a obra.”*



Telefone Celular: reflexo ou refluxo do tempo?

“A vida é que nos tem: nada mais temos”.

(Orides Fontela)

Antigamente quem falava sozinho na rua era considerado “louco”. Hoje as pessoas consideradas “normais” falam ao celular o tempo todo. Arrisco dizer que a tecnologia mudou os costumes da nossa vida breve e passageira e, como resultado, o tempo passou a ter valor em si. As “coisas” têm de andar depressa, caso contrário as pessoas se aborrecem. Somos condicionados a nunca parar de acumular; juntamos de tudo: dinheiro, sons, experiências, conhecimentos, palavras... Chegamos até a mudar a nossa inserção no tempo. Parar é chatear-se. Gastamos o tempo na gula de consumir, chegando ao ponto de criar dependências: telefone celular, reflexo ou refluxo do tempo?

Atualmente as pessoas usam o aparelho como se ele fosse peça de seu complemento. Por que de repente todos que têm pressa? Maria Helena Latini diz que *“o tempo, / sempre pela tangente, / escapa / e corre para sempre, / escorre / para sempre”*.

De quantas incertezas precisamos para aproveitar o momento e não nos iludir em correr atrás do tempo ou à sua frente? A razão de estar aqui não é aproveitar os benefícios do tempo, como ao ler o conto *Vibra Celular* de Carlos Higgin e a crônica *O Telefone* de Rubem Braga? Ou o livro *Os Objetos e as Coisas* de Pedro Du Bois, que poetiza *“...O telefone é um objeto através / do qual as pessoas se desatendem...”*

Vale lembrar que Antônio Carlos Jobim sempre andou na contramão da pressa e, através de suas obras, transmitiu a todos o valor da *“aventura humana”* que, para ele, significava valorizar e observar a natureza e os animais; vivenciar a poesia e a música. Pedro Du Bois



expõe razões para estar: *“o sentido é estar aqui / em cada dia / gozar as benesses do tempo / contente em cada olhar / em que aproveita o instante e não se ilude com futuros...”*.

Vejo o telefone celular como reflexo da realidade, e o tempo em refluxo muda rapidamente; então, procuro preservar os momentos, confrontando-me com as sombras que se cruzam em minhas atitudes, pela consciência das incertezas vividas e a tecnologia como maior sensação: momento para brilhar e transformar o refluxo do tempo no reflexo.

Penso que para a manutenção da vida é preciso encontrar tempo para contemplar e perceber o que acontece à nossa volta, sem pressa. O grande desafio misterioso, interessante e inquietante é a busca pela novidade, justificando que o homem pode saborear a vida de maneira confiante e positiva, desde que faça do refluxo deste mundo sem tempo, um mundo imaginativo, contribuindo para que a tecnologia se reflita na vida; assumindo brilhos onde frui novas experiências com atitudes livres e criativas. Porque a sombra é o avesso do reflexo e a vida só se completa com a transformação do tempo. E o telefone celular, é reflexo ou refluxo do tempo?



A Luminosidade do Escuro

Segundo Benedito C. Silva, “*Sem luz não existe cor...*” Penso no contraste entre o claro e o escuro, e quanto representa as tintas da existência como identificação da figura de ficção, com capacidade de inventar ao refletir as sensações.

Vemos luz no final do túnel? Quantas noites, passamos em *claro*? A vivência, a maturidade acrescenta clareza às nossas incertezas? Quanto vale um raio de sol? Nas palavras de Lêdo Ivo, “... *Paramos e esperamos / sem qualquer esperança. / E nós mesmos morremos / como o dia sereno / tornado escuridão.*”

A vida é assim, não tem receita, parece ser feita da mistura de tons claros e escuros, onde cada história tem a sua luminosidade. A combinação é que intensifica para mais ou para menos. As palavras instigantes são versos entre luzes e sombras. A forma poética se inspira na natureza, despertando em nós a paixão pela literatura. Como nos romances, *A Maçã no Escuro*, de Clarice Lispector – que é um romance dividido em três partes em que trata da tentativa de buscar a si mesmo, o outro e revela os sentimentos, e *Dentes ao Sol*, de Ignácio Loyola Brandão, “*Dentes ao sol // E o escuro momento / Do girassol no muro / enlouquecendo*”.

Claro e escuro combinam com o dia e a noite, são sombras que marcam e definem o homem. A luz representa a ação, quando refletida na sombra ao iluminar a paisagem do tempo. Transformamos a luz em coragem e alegria, para a vida seguir sem tormentos, como estilo para cada escuridão. Assim, também nos reflexos do que Mário de Sá-Carneiro escreveu, “*Manhã tão forte / que anoiteceu*”; ou no *Luz Poética*, de Benedito C. Filho, “... *A dor que soffro arremata a vida / Que luz do dia*



enegrece / E a noite deita para me consolar...”; ou em *Uma Luz no Chão*, de Ferreira Gullar e, ainda, n’*As Solas do Sol*, de Carpinejar.

No reflexo da luz fabricamos nossas imagens e percebemos as sombras ao nos revelarmos através da palavra, como *Pedra de Sol*, de Octávio Paz, onde o autor descreve o tempo como recomeço e esperança.

A luminosidade do escuro é jogo de clarificação das artes tentando tornar transparentes os gestos que são a nossa imanência transcendendo através da palavra, justificando a sua elucidação, como em Álvaro Moreyra, *“Palavra é claridade. O gesto é sombra. Mas o gesto que nos irmana às ondas, às asas, às nuvens...”*.

A cor do escuro são tons de resistência, mistérios que nos rodeiam, sobre o qual só podemos ver através da claridade, no caso, nossas contradições. Neste sentido o espaço do homem é como o *ser* existencial, iluminador. Mas, também pode ser o caminho da transparência, isto é, precisamos respeitar e confiar nas pessoas.

Vivemos numa época em que o tempo é medido pelas necessidades, onde a informação, o consumo e a escolha vão além da perspectiva, além do horizonte. Por isso, clarear a situação e transformar a vida de sombras em luzes é ter consciência de que tudo o que gostaríamos de realizar não cabe no nosso dia. Então, o dia escurece e precisamos fazer a escolha, nos permitindo errar. O desafio está em exercitar nossa flexibilidade para contornar a luminosidade do escuro e desvelar o segredo do homem como *ser* existente que se associa e convive, quando segue a luz da sensibilidade: *“Cores, verdades / Frias e quentes.../ dores e alegrias, / tristezas e sabedorias”*, entrelaçando o sonho.



Quem Conta um Conto aumenta um Ponto

A cena é familiar, a roda de chimarrão e o grupo contando causos para as crianças. Literatura de tradição oral, contos antigos, sendo transmitidos para as novas gerações.

Um processo enriquecedor e produtivo, onde as crianças aprendem a conhecer, a ser, a conviver e a ler; ou seja, abrir um livro para estimular a imaginação e a criatividade, para que possam explorar novos sentidos e significados.

Repensar poeticamente, semeando crenças e tradições para as crianças, retratando a condição e as manifestações culturais em busca das raízes, para serem reconhecidas como a época de períodos histórico-literários, que permanecem em obra.

É trajetória com muitas curiosidades sobre causos contados por nossos pais, amigos e escritores, mapeando de modo instigante a presença e a relevância do nosso folclore. Fruto da imaginação dos homens do passado, que gostavam de contar histórias. Essa é a atitude movida pela inquietação que posteriormente é encontrada nos livros – trata-se de reflexão sobre o significado dos causos da vida dando especial sabor à leitura.

Histórias de um povo, na preocupação em transmitir às crianças suas lendas, canções e costumes; herança que passa para os livros e fica ao alcance de todos os olhares.

Destaco uma lenda muito popular no Rio Grande do Sul, “O Negrinho do Pastoreio”, descrita por Simões Lopes Neto no seu livro “Contos Gauchescos & Lendas do Sul”. Lenda que desafia o pequeno leitor, por que traduz as crenças como mistério e, para as crianças, o



mistério resiste, porque elas estabelecem um novo olhar sobre as questões culturais, motivado pela curiosidade e desejo em desvendá-los.

Nos momentos em que as histórias são lidas e contadas, há magia no ar e um encantamento, que só a imaginação consegue ao contar um conto, aumentar um ponto.

Minuano

“Contra o dorso indefeso das coxilhas / o Minuano rígido arremete. // Com seus longos uivos...//... com seu ímpeto

forte a sibilante / e o seu açoite rústico e gelado, / fecha

e escancara portas e janelas, / por cerros e quebradas assovia, / por todas as passagens e aberturas / elástico

e invisível se insinua...”

Mansueto Bernardi em seu poema mostra que o vento minuano faz a curva em travessas desconhecidas e canta em coro como desabafo. Ele é o vento misterioso de que sempre ouvimos nos causos. No sonho em que vivemos: a lembrança como movimento, espalhando coragem e alegria.

O minuano é sonâmbulo e por vezes represa mágoas; em outras, constrói a própria liberdade; corre do sul para o norte e na terra se embrenha. É o vento que repete a arte no prazer da ilusão em que sentimos, parados à sua espera, um fio de grito e o sussurro das folhas cobrindo a solidão. Como em Maura de Senna Pereira, “*O vento sul chegou / desfolhando papoulas / vergando caules / sacudindo polens / agitando palmeiras. //... O vento sul chegou / abanando possesso / a minha velha cidade menina / roçando casas / virando esquinas / levando folhas...*”

Minuano, vento gelado que penetra nos ossos e uiva nas veias desafiando a saudade. Permanece na transparência do vivido tempo. Presente no corpo, onde seu segredo não logra o gelo sobre a noite, quando sopra o pensamento. Segundo Pedro Du Bois, “*O sentido do vento / na noite no barulho / sobre nossas cabeças / de corpos presos / é o que*



*assusta...// O destino do vento / no renovar dos papéis.../ como textos.../
de poucas histórias / é o que assusta os adultos.”*

O minuano canta versos fortes, estremecendo os dias e, ao penetrar nos corações, domina a eternidade, como na poética de Murilo Mendes, “*Eu quero montar o vento em pelo, /Força do céu, cavalo poderoso / Que viaja quando entende, noite e dia*”



“Cavalos Do Amanhecer”

Cavalos do Amanhecer é o livro de Mário Arregui que, com talento e sensibilidade, descreve a essência do gaúcho (na coragem, tradição e superstição) iluminando a cena regional.

Todos conhecem cavalos. Muitos gostam de cavalos, por vários motivos. Um cavalo no campo é a imagem da natureza, parecem ser os “Cavalos do Amanhecer”.

Sentar na varanda da casa, olhar o horizonte chimirreando enquanto o sol aponta é sentir a luminosidade da aurora o cheiro verde, e ver no reflexo o cavalo em sua solidão; onde apenas concilio palavras extraviadas do animal, enquanto minha mão desliza em seu pelo.

(CAVALO, CAVALO, CAVALO,) ASSUMO / PRUMO, / A LÚCIDA VIGÊNCIA, / MÍNIMA / MÁXIMA / CONSEQUÊNCIA, / DESSA LATENTE PAIXÃO” (Políbio Alves)

Ao registrarem suas ideias os poetas adotam na tomada do contato poético com a figura do cavalo o ritmo da linguagem que nos oportuniza “ver” e admirar a beleza do cavalo no mundo de imagens que tomam conta da alma e, também, nos fazem sentir domadores de palavras ao nos aproximar do mítico que, conforme Luiz de Miranda, “... *Quem dera a pampa / pouco lhe falta / a guaiaca tomada de solidão / num palanque de guajuvira / pouco lhe fala / a espora de prata / que o pasto esconde / na sua treva verde / que um cavalo cheira / e reconhece / sem coração estrelado...*”



Com as portas sempre abertas o gaúcho se destina à companhia do cavalo, quadro que nos leva a conhecer e compreender o retrato da vida no campo, juntamente com o poeta Luiz de Miranda, *“Paixão, cavalo de ventania / cavalo de cancha reta / cavalo em freio ou parelha / cavalo, cavalo, cavalo...”*, onde o poeta revela o espírito inquieto do animal que representa a liberdade na expressividade que em um gesto relembra as paisagens do pampa.

Ao poetizar sobre cavalos temos revelada a força paradoxal do animal, que consiste na alma em influxo e que mostra a riqueza do corpo se oferecendo para ser percebido, como em Renato Teixeira, *“Olhando um cavalo bravo / No seu livre cavalgar / Passou-me pela cabeça / uma vontade louca / de também ir / Para um cavalgar...”*



Um Olhar sobre a Querência

O jogo visual é lúdico, comum a todos: marcado pelo saudosismo. Saudades da querência. A visão romântica é na verdade um olhar sobre a poesia gaúcha que vai além da ideologia para buscar na sua realidade (raízes, tradições e crenças) o retrato da sensibilidade entre a linguagem e os autores, hábitos e costumes, traduzidos no palavreado gauchesco.

Esse universo revela a postura gaúcha refletindo o seu tempo na busca do pitoresco. Contudo, num olhar mais atento, há a linguagem de Tenebro dos Santos Moura, autor de um único livro, “QUERÊNCIA”, que usa a função das palavras para revelar a identidade do gaúcho, através da poesia: *“A saudade é o chimarrão / Que hoje longe do pago / vou sorvendo trago a trago, / Pra aliviar o coração. / Amargo que eu acho doce, / vício de guasca, distante./ Que não esquece um instante, / o seu amado torrão. //... Vejo gaúchos que passam, / Ao tranco de seus cavalos, //... Eu montado / No meu cavalo picaço, / vos juro, eu era um pedaço / Do meu Rio Grande do Sul.”*

Paulo Monteiro declara que *“falar de poesia gauchesca ou crioula é lembrar de Tenebro dos Santos Moura”*.

A presença poética da querência é o que a torna representativa e reconhecida por todos. Como no texto de Claude Lévi-Strauss, que fala e se impressiona com o chimarrão que, para ele, é a bebida, entre todas, mais exótica, tomada como em um ritual e com muitas regras: o dono da casa tem que ser o primeiro a tomar; o chimarrão não pode ser passado para o outro com a mão esquerda; a erva não pode ser mexida com a bomba e, antes de ser passado adiante, tem que se fazer o chimarrão “roncar”, no fim, para provar que não resta água na cuia.



Ao olharmos a nossa querência, reconhecemos os padrões culturais, que juntamente com os rituais do chimarrão, tem na poesia de Tenebro a marca do gaúcho cristalizada em suas tendências, dividindo e construindo a sua cultura. Belo gesto que acolhe a todos, possibilitando imaginar o orgulho que ele sentiu ao escrever o poema “QUERÊNCIA”, que mantém vivo o sonho de descortinar a toda hora as razões para conhecer o Rio Grande do Sul.

Uma Raridade: Saco De Viagem

Viajar é fazer arte. E fazer arte é conhecer o livro SACO DE VIAGEM, única obra de Tyrteu Rocha Vianna, que teve a sua primeira edição em 1928, através de Mansueto Bernardi, pela Livraria Globo de PA. Raridade bibliográfica, com tiragem restrita para o autor de 10 exemplares, marcados de A à J. O livro é dividido em duas partes, sendo, a primeira, *Vontades de Versos Futuristas: No Galpão: “Lá fora o patrão D. Inverno / Mais D. Frio e seu capataz Minuano / Mais a peonada deles feita de pingos de garoa / lam repontando / A manada retacona dos peões / Do pasto alto das noturnas calaveiragens pelos ranchos / Da vizinhança grávida de gurias cubiços palpáveis / Para a mangueira das 4 paredes do Galpão...”*

A segunda, *Churrascos de Viagem: Alegrete: “A Arábia pétrea / Reedificada por cima do fogão / Da coxilha da cozinha purgatorial / Do diabo rengo em pessoa / Suados suando suores / Em trajes meio menores...”*

Para viajar, basta usar de artifícios como a imaginação e a criatividade, pensando na concepção da palavra, no verdadeiro sonho a ser concretizado aos movimentos do mundo – traços, formas, cores e palavras que trazem a sensação do prazer pela descoberta das raízes do Modernismo no Rio Grande do Sul.

Tyrteu traz o modernismo sul rio-grandense com sua poética de radicalidade inovadora. Busca o diferencial ao escrever poemas diferentes e, ao mesmo tempo, rejeitados ou ignorados por boa parte dos modernistas.

Seu livro *Saco de Viagem* reflete na poesia a paisagem da Campanha, com suas mazelas e desigualdades sociais. Também, retrata o mundo ao construir uma obra de arte na qual somos capazes de nela nos colocar.



O autor aproveita uma nova linguagem para mostrar o que o marcou fundo e para sempre, como as suas necessidades literárias que ele aprimora nas transfigurações poéticas. Cria um jogo entre o intelecto e a imaginação, mobilizando a capacidade vivencial que se traduz no crescimento e no enriquecimento da literatura do Rio Grande do Sul.

Uma viagem, mil palavras... “*Mexendo, afoitos, em Passo Fundo, na preciosa “Rio-Grandina” de Antonio Carlos Machado, localizamos a “raridade”, ... o livro Saco de Viagem, de Tyrteu Rocha Vianna*”, que então, pelo proprietário, foi generosamente doada ao escritor Itálico Marcon.

O livro *Saco de Viagem* enriquece a vida por permitir que se desfrute da alma do escritor e, assim, transformar o momento do leitor numa viagem sem fim.



Cavalos

*“Se o olhar visse cavalos: / estar agora sob as crinas: /
estar acordado quando vê-los...” (Fernando J. Karl)*

Ao passar por túneis que cruzam o tempo e guardam a parte das tradições é sempre interessante conhecer, lembrar e reler a história, com seus grandes momentos, como encontramos na obra *O massacre dos Porongos & Outras Histórias Gaúchas*, de Paulo Monteiro, onde rememora a história do Rio Grande do Sul, a formação daquele Estado, o povo e a cultura gaúcha. Ele trata do tema como riqueza cultural na busca pela verdade.

Voltando ao cavalo, ele é a insondável paisagem do campo. Seus movimentos parecem anunciar os atos de bravuras, que se fundem com a poesia e surpreendem no encantamento de seu galope, como encontramos em livro de Luiz Coronel, com ilustrações e capa de Paulo Porcella, *“Os Cavalos do Tempo/ galopam pelas colinas. / Trazem a manhã no lombo / e a cerração nas narinas...”*

Cavalos representam o tempo de mudanças e, sem destruir o sólido espírito vitoriano, ainda predomina em terras rio-grandenses, fazendo parte da paisagem. Também, constituem outro passo da luta que vem da Independência para libertar e alegrar boa parte do povo. Nas palavras de Raquel B. Pires, *“Sobre o toso do meu cavalo / tenho a visão de um mundo / onde sou completa, / livre e sem qualquer preconceito. / simplesmente feliz!!”*

O tema cavalos gera palavras e sentidos, opiniões em termos literários. A grande preocupação dos escritores é revelar e desnudar a



beleza do cavalo, juntamente com sua utilidade e tradições, desencadeando um processo de caracterização na história.

Armindo Trevisan, considerado referência na poesia gaúcha, escreveu, “... *Teu cavalo é sonho do povo / que devasta flores, / e rola de olho em olho / pelos abismos do medo...*”; Jorge de Lima revela, “*Era uma cavalo todo feito em lavas / recoberto de brasas e de espinhos. / Pelas tardes amenas ele vinha...*”; e, Murilo Mendes completa, “*Pela grande campina deserta passam os cavalos a galope. / Aonde vão eles?... / São os restos de uma antiga raça companheira do homem / ...os cavalos fecham a curva do horizonte, / Despertando clarins na manhã.*”

Escritores empenhados em desvelar o importante papel dos cavalos, no sentido de reviver parte da história como desafio, ostentam a motivação, a paixão por novos encontros, com a possibilidade da conquista, como encontramos no livro *Cavalos e Obeliscos*, de Moacyr Scliar, onde conta as aventuras de um adolescente em cidade da campanha sul-rio-grandense.

Cavalos chamam a nossa atenção pela força e beleza, refletindo nas artes de escrever, de ler, de contar e de pintar. Nas palavras de Raquel B. Pires, “*Passei por tantas estâncias / Cada qual mais aprendi / Vi velhos contarem sonhos / Que estranhamente vivi / Todos eles partes da história / Que nem mesmo conheci...*”



MIRIAM POSTAL: Vida, Luz e Movimento.

Pintar é poetizar, ser vista e vivida. É conhecimento que, quando revelado, ilustra ideias, revela sentimentos e valores. Pietro M. Bardi já dizia que *“Pintar também é escrever”*.

A arte plástica desvela o artista como criador, com sensibilidade, ao traduzir a vida em formas e cores. O contato com a arte leva ao processo espiritual, na consciência do que somos e do que escolhemos.

Saliento a arte de Miriam Postal, gaúcha de Passo Fundo, que encontrou nas artes plásticas a ligação entre o homem e a natureza em seus significados, mostrando a realidade e a verdade em temas, formas e cores, e nos surpreendendo com sua imaginação; inspiração com que passa para as telas a beleza do brasileiro, como expressão de emoção, movimento e sensibilidade.

A ação de suas pinceladas, em acrílico sobre tela, se faz notar pela presença de fortes cores e personagens, aproximando-se da liberdade formal e da potencialização de sua poética. Seus retratos são grandiosos, porque representam os *“Joãos e Marias”* na vida íntima do homem, cotejados no destino espalhado em poesia de brasilidade.

Sua obra constrói os espaços na busca de personagens em si mesmos, com formas sensuais e cotidianas, no transmitir seu texto poético-pictórico em momentos casuais: vida, luz e movimento.

Miriam, com sua arte, enfatiza a importância dos personagens, provavelmente como resultado de sua história, em contexto de autonomia e cores, nas cenas que traça aos interpretar como *“o retrato da alma brasileira, em desenhos de estamperia dos tecidos populares”*, fazendo o apreciador aproximar-se e gostar do que vê: vida, luz e movimento. Salta aos olhos o alto padrão com que condensa e transcende ao empírico na

arte de viver, como em Pedro Du Bois, *“Na poesia / desenho // sentimentos em palavras / amores em palavras / paixões // o traço exhibe / todas as curvas / carrega nas cores // amizades em cores / mulheres em curvas // na poesia / rabisco // e o desenho se faz presente / nos olhos de quem o vê”*.

Miriam Postal é reconhecida internacionalmente pela importância de suas obras nas artes plásticas, bem como pelo seu desejo de popularizá-la. Além das telas, ela transforma sua obra temática em objetos e esculturas, para que cada apreciador tenha a possibilidade de interagir com a mesma. Assim, enquanto Miriam refletir a vida em seu trabalho, como expressão poética e movimento, será reconhecida e permanecerá como luz para os apaixonados pela arte.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Tânia Du Bois, natural de Sarandi, RS, residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Cronista, articulista e resenhista. Colunista literária do Jornal Correio do Município, Itapema, SC e da A Revista SC. Colaboradora do Projeto Passo Fundo.



Amantes nas Entrelinhas são crônicas sobre vários assuntos, no decorrer do dia a dia. A autora revela o que de fato desvela na busca de novas leituras, escritores, dúvidas e emoções, na sintonia com as artes, no traçar palavras e elaborar hipóteses sobre seus significados, dando vez e voz aos escritores.



978-85-8326-004-2